



**Universidade Federal de Viçosa
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Ciências Sociais**

**ENTRE A ROÇA BRANCA E O CAFÉ: MIGRAÇÃO DE AGRICULTORAS/ES
FAMILIARES DE “IPANEMA-MG” RUMO A ESPERA FELIZ-MG.**

Autor: Leandro de Souza Lopes

Orientador: Prof. Dr. Douglas Mansur da Silva

Viçosa
Fevereiro de 2017

LEANDRO DE SOUZA LOPES

**ENTRE A ROÇA BRANCA E O CAFÉ: MIGRAÇÃO DE AGRICULTORAS/ES
FAMILIARES DE “IPANEMA-MG” RUMO A ESPERA FELIZ-MG.**

Trabalho de monografia apresentado junto ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Douglas Mansur da Silva

Viçosa
Fevereiro de 2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Monografia intitulada ENTRE A ROÇA BRANCA E O CAFÉ: MIGRAÇÃO DE AGRICULTORAS/ES FAMILIARES DE “IPANEMA-MG” RUMO A ESPERA FELIZ-MG, de autoria do estudante Leandro de Souza Lopes, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Douglas Mansur da Silva – Orientador
Curso de Ciências Sociais da UFV

Prof. MSc. Márcio Gomes da Silva
Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFV

Prof. Dr. Fabrício Roberto Costa Oliveira
Curso de Ciências Sociais da UFV

Viçosa, 17 de fevereiro de 2017

Dedico este trabalho:

Aos milhares de migrantes nesse vai e vem da vida! E de modo especial àqueles que me cederam uma entrada às suas memórias no transcurso desse trabalho.

Aos irmãos Dione e Valci (in memoriam) pelos cotidianos inesquecíveis!

A toda minha família, pela alegria e simplicidade com que me ensinaram a viver.

AGRADECIMENTOS

Escrever um agradecimento não é tarefa fácil. É muita gente que, de uma forma ou outra, contribuiu muito em minha formação, tanto acadêmica e na escrita desse trabalho, quanto na minha formação para “ser”. E no embolar das palavras nesta página, e nos abraços da memória sempre nos escapa algum nome. Assim, agradeço à todas e todos que fizeram com que essa graduação fosse possível, e minha vida a alegria que é!

Mas de modo especial, deixo aqui meu agradecimento à minha mãe, Maria Luzia, e ao meu pai, Zé Lopes (Zezão pra mim) pela sabedoria com que sempre me guiou pelos caminhos da vida, por seus carinhos sem mensuração e pela doçura “no trato”. Pelo colo sempre reconfortante e pelos sorrisos, que mesmo em dificuldades, transformava as nossas vidas e ali descobríamos pouco a pouco a alegria como resiliência. Agradeço pelos bons ensinamentos que levarei sempre comigo. E claro, como esquecer dos causos?!

Do mesmo modo, agradeço à minha irmã Dandinha (Alessandra) e aos meus irmãos Verim (Severo) e Tim (Renato), por seus abraços cheios de vida, pelo companheirismo e cumplicidade que crescia mais e mais a cada dia, e pelo apoio incondicional nessa caminhada.

Agradeço à Juliana Welasco, companheira de todas as horas, que mesmo nos momentos distantes se fez presente e me inspirou durante toda minha graduação. Agradeço à toda sua família, que também se faz minha, ao tio Júlio e tia Leny, Victor e Wesley pelo apoio e carinho que não mediram durante esses anos e nessa caminhada na universidade.

Aos irmãos que os caminhos da vida me trouxeram: Paulo Jr. (PJotinha), Ramon, Joubert (Jobinho) e Marcinho...orientadores na vida, e praticamente co-orientadores nesse trabalho. Agradeço pelas boas prosas e aprendizados. E pelas tardes de varandas no bairro do Romão dos Reis... e que sigamos pelas varandas da vida pensa-sentindo.

Agradeço ao amigo Guilherme Padero, pelos incontáveis cafés com boas prosas, risadas e o companheirismo de sempre, e apertos de projetos que transformamos em aprendizado. E da mesma forma aos amigos e às amigas de incontáveis encontros, cantorias, boas prosas e muito aprendizado em Viçosa: Fabrício, Júlio “Regional”, Priscila Schultz, Maysa (da Mata) e Bianca Lima.

Aos amigos e amigas que essa graduação em ciências sociais me trouxe e que me proporcionaram momentos inesquecíveis nesse percurso. De modo especial agradeço ao amigo André Guilherme pelas boas prosas que muito contribuiu nesse processo. Ao amigo João Gondim, outro irmão que a vida me deu o privilégio de encontrar, pela alegre convivência nesses anos. E às amigas Amanda Gonçalves e Gabi pelas boas prosas com trocas de ideias que sempre me clareava algum caminho.

Aos amigos do 2312, Eduardo (Alagoinhas), Enock, Guilherme, Jardécio, Joécio, Ramon Barroso e Sérgio, uma família que me acompanhará sempre nas boas recordações.

Agradeço a amiga e parceira Irene Cardoso pela boa caminhada nesses anos de universidade e pela confiança. E pelos bons quilômetros no Comboio de Agroecologia do Sudeste cheios de aprendizados e boas recordações, e muita prosa boa. Agradeço também pelas brigas que me ensinaram muito. E ao amigo Willer, pelo apoio de sempre e pela

acolhida carinhosa nesse mundo que se abria com a entrada à universidade. E aos amigos e professores com quem também aprendi muito nesses anos Edgar Coelho e Marcelo Loures.

Ao Cursinho Tecendo Sonhos e todas e todos do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais na Agricultura Familiar (SINTRAF) de Espera Feliz que ajudaram a “tecer” esse sonho de que filhos/as de agricultoras/es pudessem ter o seu direito de acesso à universidade pública! De modo especial aos amigos e amigas, Eduardo, Bim, Fernanda, Amauri, Cida Zanon, Mariana, Farinhada, Cristiane. Ao amigo Valdeci, quem me abriu as portas para a oportunidade de conhecer “esse mundo da universidade” com um convite a formar parte do Tecendo Sonhos.

Agradeço a todos e todas que através do Programa Teia de Extensão Universitária ocuparam um lugar especial em minha formação dentro da universidade. Uma Troca de Saberes constante e com o cuidado ao outro. De modo especial à amiga Maíra Cândida e ao amigo Irineu.

Aos amigos e às amigas que esse Comboio de Agroecologia me trouxe como um afago da vida e que carregarei sempre comigo pelos momentos partilhados de muito aprendizado, carinho e luta.

A todos e todas do bairro Romão do Reis – Viçosa – que nos recebeu de braços e corações abertos como parte da família. Agradeço pela amizade, boas vivências, causos e as muitas alegrias propiciadas. De modo especial à turma do futebol. Agradeço à Dona Maria que nos recebeu e cuidou como filhos, a Dona Margarete, Marcinho e Adriana, Dona Imaculada e Sr. Cláudio, pelo apoio e cuidado.

Aos professores do Departamento de Ciências Sociais, especialmente, Marcelo Oliveira, Fabrício e Douglas Mansur, pelas lições de Antropologia. Agradeço ainda ao Douglas pela paciência, compreensão como meu orientador e pelas sempre ricas contribuições ao desenvolvimento desse trabalho.

À banca avaliadora, pelo tempo disponibilizado na leitura desse trabalho e pelas críticas e sugestões dadas para o aprimoramento do mesmo.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG, pelo apoio financeiro que possibilitou a realização da pesquisa que deu origem a esta monografia.

E a todos e todas da “grande” São Domingos, comunidade esperafelicense onde cresci, aprendi da vida, escutei os causos, brinquei de menino, ganhei da confiança, vivi da gente as melhores lembranças. Obrigado pela boa acolhida!

Sumário

ABREVIATURAS, SIGLAS, FIGURAS E TABELAS.....	viii
RESUMO E ABSTRACT.....	ix
INTRODUÇÃO.....	10
1. CAPITULO I: ALGUNS CAMINHOS METODOLÓGICOS E O FAZER ETNOGRÁFICO	13
2.1. Sobre o fazer etnográfico entre os nossos: “olha só quem tá aqui”	15
2. CAPITULO II: DO VALE DO RIO DOCE À ZONA DA MATA: DA CONSTITUIÇÃO DAS REGIÕES AO GOSTO DO CAFÉ	19
2.1. Nas regiões	19
2.2. O gosto do café.....	24
2.3. O café em cada ponta.....	27
3. CAPITULO III: A MIGRAÇÃO	31
3.1. Rumo a(o) <i>Paraíso</i>	35
3.2. “Lugar”, “colocação”, “morada arranjada”: entrando na rede.....	40
3.3. Mas que lugar bonito.....	43
3.4. Sair do barro, viver da terra.....	44
A MODO DE CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51
ANEXOS.....	56

ABREVIATURAS E SIGLAS

CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento
COOFELIZ - Cooperativa de Produção da Agricultura Familiar
CRESOL - Cooperativas de Crédito Rural com Interação Solidária
CTA-ZM - Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata
EFL - Estrada de Ferro Leopoldina.
FAPEMIG – Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Minas Gerais
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA – Instituto de Pesquisa em Economia Aplicada
PNCF – Programa Nacional de Crédito Fundiário
POLOCENTRO – Programa de Desenvolvimento dos Cerrados
PROBIC – Programa de Bolsas de Iniciação Científica
PRODECER – Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados
PRRC – Plano de Renovação e Revigoramento de Cafezais
SINTRAF - Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura Familiar
STR - Sindicato dos Trabalhadores Rurais

FIGURAS

- Figura 1:** Mapa região da região da Zona da Mata com destaque para localização de Espera Feliz.
Figura 2: mapa da Estrada de Ferro Leopoldina (EFL).
Figura 3: Mapa de MG, com destaque para o município de Ipanema, na mesorregião do Vale do Rio Doce, à fronteira com a Zona da Mata.
Figura 4: gráfico populacional do município de Ipanema-MG para os anos 1970 a 2010

TABELAS

- Tabela 1:** Produção de café por toneladas entre os anos 1920/60 nos três municípios abordados.
Tabela 2: Produção de café por toneladas entre os anos 1973/81 nos três municípios abordados.
Tabela 3: Produção de café por toneladas entre os anos 2006/10 nos três municípios abordados.
Tabela 4: dados populacionais em porcentagem (%) nos três municípios abordados

RESUMO

Entre os cafezais do município de Espera Feliz – localizado na Zona da Mata de Minas Gerais – foram cultivadas as possibilidades de alavancar a situação financeira das pessoas que se predispusessem em trabalhar o cultivo do café. Dessa forma, essa região povoou o imaginário de inúmeras famílias em municípios de regiões vizinhas como sendo um lugar onde “fazer a vida”. Os municípios de Pocrane e Ipanema – ambos situados no Vale do Rio Doce mineiro – são exemplos de região de onde muitas famílias lançam olhar sobre Espera Feliz como um lugar de riquezas, modernidade e de “desenvolvimento”. Assim, o que se propõe aqui é um olhar sobre este fluxo de migração “rural-rural” com o deslocamento de várias famílias que partem dos municípios de Pocrane e Ipanema rumo a Espera Feliz, em função das possibilidades que se desenhavam a partir das lavouras de café nesse último município. Com o presente trabalho, “andamos” de uma memória a outra, muitas vezes memórias coletivas, na busca por uma análise e compreensão de tal processo de migração, as redes estabelecidas e seus desdobramentos econômicos, sociais e culturais. O desenvolvimento deste estudo se estrutura nas narrativas de famílias que estiveram nessa dinâmica de migração entre estes municípios em períodos distintos, principalmente dos anos 1970.

Palavras-chave: migração rural-rural, redes migratórias, desenvolvimento, Espera Feliz, Ipanema, Pocrane

ABSTRACT

Among the coffee plantations in the municipality of Espera Feliz - located in the Zona da Mata of Minas Gerais - were cultivated the possibilities of to upgrade the financial situation of people that were predisposed to work on coffee cultivation. In this way, this region populated the imaginary of many families in municipalities of neighboring regions as being a place where "to make the life". The municipalities of Pocrane and Ipanema - both located in the Vale do Rio Doce mineiro - are examples of region where many families look to Espera Feliz as a place of wealth, modernity and "development". Thus, the propose here is a look at this flow of "rural-rural" migration with the displacement of several families that depart from the municipalities of Pocrane and Ipanema towards Espera Feliz, depending on the possibilities that were drawn from the coffee plantations in the latter municipality. With the present work, we "move" from one memory to another, many times collective memories, in the search for an analysis and understanding of this migration process and its economic, social and cultural unfoldings. The development of this study is focuses on the narratives of families that were in this dynamic of migration between these municipalities in distinct periods, mainly from the years 1970.

Key words: rural-rural migration, migratory networks, development, Espera Feliz, Ipanema, Pocrane

INTRODUÇÃO

Além da migração rural-rural, com o estabelecimento das famílias no local de destino, compor uma temática pouco estudada, o interesse pelo tema aqui apresentado vem acompanhado pela minha própria vivência dessa migração. Minha família também compõe a população de migrantes que marcharam de Pocrane/MG e Ipanema/MG rumo aos cafezais de Espera Feliz/MG. “Não existe beirada de céu baixo”, é um *ditado* popular que escutei muitas vezes no percurso da minha infância e adolescência. Cresci com ela! E seu sentido sempre esteve atrelado à ingloria busca por melhorias de condições, seja ela uma necessidade colocada pelas circunstâncias, ou mesmo um sonho alimentado. E deixar um lugar e partir rumo a outro nessa busca é um fazer e contar histórias que sempre nos revelam, nas suas linhas e entrelinhas de memórias, construção de redes, trajetórias e projetos, sonhos e vidas. Pode também nos revelar certas desconstruções, como a da própria existência de uma beirada de céu baixo.

Minha entrada no projeto de Iniciação Científica (PROBIC/FAPEMIG), “Do Campo à Cidade: políticas de desenvolvimento, territorialidades e migrações. Uma comparação triangular”¹, teve como propósito uma análise interpretativa desse processo migratório, relacionando-o a outros contextos sociais e etnográficos distintos, mas com um mesmo pano de fundo, de modo a permitir discutir a relação entre o espaço e poder.

O propósito de tal projeto foi de relacionar a análise das políticas e concepções de desenvolvimento às territorialidades e às migrações, observando as diferentes tensões, formas de conexões e redes sociais presentes nas configurações sociais e sócio-espaciais. Partindo-se de uma ênfase antropológica, nossa perspectiva de análise, privilegiando um prisma mais qualitativo, recai sobre a percepção daquelas populações que estão na ponta desses processos. Nesse caso específico, a migração empreendida entre Ipanema e Pocrane a Espera Feliz, municípios pertencentes às mesorregiões mineiras do Vale do Rio Doce e Zona da Mata, respectivamente. Assim, o que se busca neste trabalho monográfico compõe

¹ Realizado entre março/2015 e fevereiro/2016, aprovado junto à Universidade Federal de Viçosa, pelo Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PROBIC) apoiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). O propósito era de identificar e analisar práticas sociais acerca dos usos do espaço e o modo como são percebidas e narradas as transformações sociais e espaciais experimentadas por populações, rurais e urbanas. No andamento do projeto, a primeira fase de execução buscou tecer uma análise sobre as migrações e transformações urbanas em Viçosa; na segunda fase, o projeto teve uma abordagem das disputas acerca da ocupação territorial na Serra do Gandarela-MG. E numa terceira etapa, já quando iniciei como bolsista, trabalhamos sobre o processo de migração, objetivo do presente trabalho de conclusão de curso.

um esforço por compreender o movimento migratório estabelecido entre os referidos municípios, a partir das narrativas de famílias que tiveram uma dinâmica de migrar em períodos distintos, principalmente a partir dos anos 1970 até início de 1990, e também os projetos de vida² das famílias envolvidas, bem como alguns desdobramentos desse processo.

A tomada de decisão de migrar ou não migrar está amarrada a uma reflexão acerca dos fatores econômicos, sociais e culturais, apontadas por alguns autores (Gonçalves, 2001; Matos, 2002; Silva & Melo, 2001) como resultado de uma acumulação de temores e esperanças, e das interações de diversas forças coletivas. Com o presente trabalho, “andamos” de uma memória a outra, muitas vezes memórias coletivas (Bosi, 2004), na busca por uma análise e compreensão de tal processo de migração e seus desdobramentos econômicos, sociais e culturais. Um fluxo de migração “rural-rural” com o deslocamento de várias famílias rumo às lavouras de café de Espera Feliz com a finalidade de trabalhar na produção do fruto, em função das possibilidades cultivadas junto à produção de café, e dos anseios dessas famílias.

Desde uma perspectiva etnográfica, o que se apresenta aqui é um exercício de análise no intuito de compreender a noção de desenvolvimento presente em tal processo, tomando em conta que tal categoria ganha muitas faces, a partir da lógica e impacto do crescimento econômico a partir dos anos 1950, em que partindo de um “padrão civilizatório dominante, revolucionando o modo de vida e os comportamentos sociais, a *possibilidade do desenvolvimento* alimentou esperanças e estimulou iniciativas diversas em todas as sociedades” (Navarro, 2001, p. 83). Ao mesmo tempo nos interessa aqui um olhar sobre as redes estabelecidas pelos sujeitos neste deslocamento. Por fim, esse estudo se guia no sentido de responder a questionamentos que buscam compreender se existem outras determinações para além da econômica que definem os projetos de vida das/os agricultoras/es ou a opção de migrar ou não migrar. E a partir de uma análise antropológica do processo Ipanema-Espera Feliz, quais questões estão envolvidas nesse fluxo migratório.

O presente trabalho está estruturado, além dessa introdução, em uma entrada aos caminhos metodológicos e o fazer etnográfico, e outros dois capítulos, com suas subdivisões. Assim, o capítulo 2 aborda o contexto histórico e social das regiões de saída e

² Segundo Alfred Schutz (1979) a vida é um “reino de significado” e que o conhecimento humano é uma construção em que se aprende *o que deve ser feito para viver* (instrumentos *ready to made*), ou seja, se aprende a dominar situações em curso. Para tanto, segundo este autor, seguimos as seguintes etapas: (1) o processo de aprendizagem (como fazer), ou seja, processo para a apreensão do que é relevante; (2) o planejamento da ação; (3) a experiência do *nós* (relação face a face) e (4) o, se processo de mudança de relevância.

de acolhimento, com foco na dinâmica da produção de café nas regiões e nos municípios especificamente; o capítulo 3 traz algumas abordagens teóricas sobre o processo migratório, e a migração em si, a partir das redes estabelecidas nessa iniciativa; e por fim, entramos em algumas percepções a modo de conclusão do presente trabalho.

1. CAPITULO I: ALGUNS CAMINHOS METODOLÓGICO E O FAZER ETNOGRÁFICO

Muito do desenvolvimento deste trabalho, além de minha convivência pessoal junto ao povo “ipanemense”³, se constitui a partir das atividades desenvolvidas e alguns resultados alcançados no âmbito do projeto de iniciação científica citado anteriormente. Como metodologia na realização dessa etapa sobre a migração aqui tratada optou-se por um enfoque a partir da história oral aliada ao trabalho de campo, quando fizemos pesquisa de campo junto a algumas famílias abraçadas por essa dinâmica de migração, realizando entrevistas abertas e aprofundadas e rodas de conversa no intuito de acesso à memória desses migrantes.

Apesar da utilização de outros métodos de trabalho de campo, a abordagem metodológica da *história oral* acabou se configurando como principal instrumento de acesso às informações em campo, compreendendo esta metodologia de trabalho desde a perspectiva de Amado e Ferreira (2006, p. 16) em que:

[...] a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho - tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho -, funcionando como ponte entre teoria e prática.

A abordagem desde o aporte de tal metodologia, nos permitiu um exercício de entrada às “memórias da trajetória” dessas famílias, onde, como aponta Pierre Nora (1993, p. 9), a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e assim sendo, esta encontra-se em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, sem no entanto ter a devida consciência de suas deformações sucessivas, vulneráveis a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e por outro lado de repentinas revitalizações. De acordo com Bosi (2004, p. 426):

Tais como as plantas, que na estação da seca se imobilizam e brotam nas primeiras chuvas, certas lembranças se renovam e em certos períodos dão

³ Assim é como se denomina a quem é natural de Ipanema/MG, e como ficaram conhecidos os migrantes que foram para Espera Feliz, mesmo que sejam de outros municípios próximos a Ipanema. Esse ponto será abordado mais adiante.

uma quantidade inesperada de folhas novas. Como planta que se fortalece com a enxertia – outros ramos se nutrem de suas raízes e frutificam com vigor renovado, chamando para si a seiva e os galhos originais – a enxertia social não deixa que as lembranças se atrofiem.

E de certa forma, como colocado por Silva & Melo (2001, p.150) essas lembranças alimentadas dentro desses processos migratórios, a conservação da memória coletiva, a manutenção dos hábitos culturais e alimentares, são formas de apropriação dos espaços, fortalecidas por meio das redes migratórias que mantêm vivas as relações entre os que partiram e os que ficaram.

Para o desenvolvimento desta pesquisa utilizou-se de uma abordagem com enfoque de caráter etnográfico em que “como enfoque la etnografía es una concepción y práctica de conocimiento que busca comprender los fenómenos sociales desde la perspectiva de sus miembros (entendidos como ‘actores’, ‘agentes’ o ‘sujetos sociales’)” (Guber, 2001, p. 11). Para tanto, faz-se necessário uma busca por posicionar-me como empreendimento científico (Geertz, 2008), lançando mão de metodologias e técnicas de pesquisa, como a história oral, a observação participante, “rodas de conversas”, entrevistas abertas e fontes documentais e bibliográficas.

A entrevista aberta nos permite seguir um percurso mais da narrativa dos “autores” nesse processo, com a entrada a certos questionamentos básicos, apoiados no objetivo da pesquisa e que, em seguida, possibilita uma ampliação do campo de interrogativas. “Desta maneira o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa” (Tiviños, 1987, p. 146).

A Pesquisa Documental, utilizada para a coleta de documentos como fontes primárias retrospectivas e contemporâneas (Marconi, 2010), nos auxiliou em uma empreitada de resgate histórico de alguns processos na região e nos municípios – como produção agrícola, constituição dos municípios – mas sem muito aporte ao movimento migratório na região, uma vez que não há muitos registros [ao menos disponíveis durante a pesquisa] que nos permitisse esse resgate. A Pesquisa Bibliográfica, por sua vez, nos embasou na composição teórica para realização e análise do trabalho de campo, com um contato mais próximo de bibliografia encontrada de maneira mais acessível sobre o tema do estudo (Marconi, 2010), e considerada relevante para a elaboração do presente trabalho.

1.1. Sobre o fazer etnográfico entre os nossos: “olha só quem tá aqui”

Partindo de minha inserção junto às famílias de que trata o presente trabalho, o que busco aqui é resgatar algumas percepções do *fazer etnográfico* em espaços no qual já se tem um trânsito garantido, a partir de algumas leituras acumuladas.

Realizar um trabalho etnográfico tem seus chistes e suas vantagens, suas possibilidades e também limitações. Tradicionalmente utilizada como método na Antropologia, a etnografia tem sido muitas vezes considerada como um elemento que define esta ciência, como nos apresenta Monteiro (2012) e Nawrath (2010). Entretanto, a etnografia ganha cada vez mais espaço entre distintas áreas de conhecimento como método de pesquisa e análise por sua relevância e representatividade do o *modus operandis* dos sujeitos abarcados pelo estudo desenvolvido.

Como exemplo, Monteiro (2012) nos traz que nos estudos sociais da ciência e tecnologia – os trabalhos de Latour e Knorr Cetina marcam esta abordagem – a utilização do método etnográfico representou uma mudança importante neste campo de estudo, marcando um rompimento de um grupo de autores com abordagens estruturalistas na sociologia da ciência.

Para Nawrath (2010) “Actualmente, la etnografía puede definirse como la descripción/interpretación realizada a través de un proceso-producto que emana de un trabajo sistemático y transparente referido a un contexto de estudio”. A etnografia traz consigo a possibilidade de, por uma intromissão, mas também por meio de uma interação social, captar aspectos do sentido atribuído às coisas e práticas em determinados contextos.

Todavia, trago certa inclinação em sentido à postulação de Sergio Poblete (1999, p. 3) de que o texto produzido a partir da perspectiva de um trabalho etnográfico, como consequência de seu trabalho de campo, não representa de fato uma cópia fiel da realidade. Segundo Poblete, o que tal texto melhor proporciona é o desencadear de experiências no leitor. De tal ponto de vista, no sentido da escrita etnográfica, Marilyn Strathern (2013, p. 45), por exemplo, assinala que:

Preparar uma descrição requer estratégias literárias específicas, a construção de uma ficção persuasiva: uma monografia precisa estar arranjada de tal maneira que possa expressar novas composições de ideias. Essa se torna uma questão sobre sua própria composição interna, a organização da análise, a sequência pela qual o leitor é introduzido a conceitos, o modo como as categorias são justapostas ou os dualismos são invertidos. Dessa forma, quando o escritor escolhe (digamos) estilo

“científico” ou “literário”, ele assinala o tipo de ficção que faz; não se pode fazer a escolha de evitar completamente a ficção.

Em consonância com tal concepção, penso um pouco no rumo que aponta tanto Strathern quanto Poblete, ou Rosana Guber, entre outros, para a entrada do pesquisador no texto etnográfico desde uma perspectiva um tanto subjetiva na qual se adentra durante um processo de imersão na realidade estudada. Algo do *Emic* e *Etic* apresentado por Govea Rodrigues (2011) – no qual o *emic* seria as contribuições dos interlocutores em termos de informações de maneira bruta, livre de qualquer análise, e que posteriormente recebe devido tratamento desde a bagagem teórica trazida pelo pesquisador, o *etic*, compondo assim o que seria um texto etnográfico –, mas tomando em conta a experiência de vida e os propósitos carregados pelo pesquisador e que, todavia, não consigo aqui desvincular em etapas distintas.

Como não dispomos de trabalhos de pesquisa sobre este caso de migração em específico, e tampouco documento que o mencione, isto nos leva a um estudo baseado especificamente na perspectiva dos sujeitos envolvidos. A partir dessa abordagem, um estudo de caráter mais etnográfico que, como apontado por Guber (2001), busca compreender os fenômenos sociais a partir da perspectiva de seus membros, a etnografia se constitui como um método privilegiado para o acercamento e conhecimento direto dos fatos sociais (Guerrero Arias, 2002).

Assim, a etnografia se embasa ainda com mais peso na narrativa dos sujeitos. E ao mobilizarem as lembranças acerca do tema pesquisado as pessoas parecem se restituir de uma posição anterior, mas que ao mesmo tempo estão abertas ao presente, em um trajeto que põe em evidência uma dimensão fundamental nos estudos de migração, com relevância trazida à luz pelos estudos de Abdelmalek Sayad (1998), o próprio “sujeito”, e a perspectiva em que alimentam a ideia de partida, e em certa medida a de chegada. E como apontado por Rosana Guber (2001, p. 5) os sujeitos sociais são informantes privilegiados, uma vez que somente eles podem dar conta do que pensam, sentem e dizem com referência aos acontecimentos que os envolve.

Dessa forma, nesse o processo de partir da perspectiva daqueles que se encontram envolvidos em tal fluxo migratório, foram visitadas e escutadas diretamente, em critério de entrevistas abertas, e seguindo um percurso pela história oral, um total de dez famílias que partiram rumo a Espera Feliz. Nesse trajeto, ouvimos as narrativas de homens e mulheres dessas famílias, e em algumas casas somente a história contada pelas mulheres, onde ou o

marido não se encontrava em casa naquele momento ou mesmo havia falecido. Além disso, em muitos casos, em função das relações que são tecidas nesse percurso, era comum em algumas famílias acionarem histórias de outras, que não visitamos, mas que também estavam presentes nos fios que estruturam essa rede e que, todavia, nos permite um olhar sobre esta.

A observação participante, por sua vez, entendida aqui como um modo pessoal de acesso ao campo e de coleta de dados, com possibilidade de uso de uma variedade de técnicas de coleta de dados (Agrosino, 2009), entre elas as próprias entrevistas, nos permite uma maior aproximação ao tema e aos interlocutores. Em meu caso especificamente, percebo-a como uma possibilidade, desde minha trajetória neste fluxo migratório, de revisitar algumas memórias, bem como as famílias, que por contar com vínculos pessoais de amizade e familiares, me permitem melhor trânsito pelas informações. O que é ainda mais perceptível quando lanço mão de outras técnicas de pesquisa, como as entrevistas abertas, ou os momentos de encontros informais na comunidade, as *rodas de conversa*. Cabe ressaltar que nas comunidades do Paraíso e São Domingo, ambas com grande representação como “ponto de chegada” dessas famílias migrantes, encontramos um bar em cada uma cujos donos são oriundos da região de Ipanema e acabam por ser um local de encontro entre muitos desses migrantes. Nessa segunda comunidade, leva o nome de “bar do panema” numa referência à origem do proprietário, que migrou rumo a Espera Feliz, e não a seu real nome, ou de sua esposa que também é proprietária do bar e que tem origem aí da mesma comunidade. E nesse aspecto da observação, ao frequentar os espaços de sociabilidade compartilhados entre esses/as migrantes, e como as comunidades onde se estabeleceram – nas igrejas, bares, campo de futebol, encontros de amigos – nesse recorte etnográfico, as conversas, as observações e impressões compuseram anotações de campo que ajudaram no desenrolar das análises que aqui são apresentadas.

Um outro aspecto considerado, é que também pertencço a este processo de migração, pois minha família se encontra entre as muitas famílias deste deslocamento rumo a Espera Feliz. Assim, vivi, em boa medida, o processo e as redes estabelecidas. Neste sentido, constituiu-se um esforço de minha parte colocar-me em uma condição de análise mais de estranhamento, de distanciamento, uma vez que me encontro em uma posição também de informante, o “antropólogo como informante”. Ao chegar nas casas das famílias escolhidas para o trabalho de campo me recebiam com certo contentamento, já que por minha saída para a universidade a muito não nos encontrávamos.

Algumas famílias me tinham – e me têm – como parte da sua, uma vez que neste processo de migrar se criou, como visto durante o estudo, uma relação de parentesco entre muitos destes migrantes. À minha chegada nas casas escutei muitas vezes a expressão, “*olha só quem tá aqui!*”, e durante as entrevistas era muito comum que me perguntassem se não me recordava de certos acontecimentos que estavam relatando ou de algumas pessoas mencionadas, em um movimento que vai em sentido de acionar uma “memória partilhada” (Candau, 2006). E me pergunto cada vez mais sobre a possibilidade de objetividade, ainda que relativa, como apresentado por Velasco & Rada (1997, p. 8) onde “en el trabajo de campo la objetividad sólo se alcanza por medio de una directa e intensa comunicación entre el investigador y los nativos”, neste caso, dos migrantes aqui estudados. Por outro lado, os mesmos autores ressaltam que “(...) Situarse en el punto de vista del «nativo» es quizás la expresión menos ambigua del acceso a la significación, es la conquista de la objetividad por medio de la capacidad de formar *intersubjetividad*” (ibídem).

Minha inserção desde este ponto de vista, de algum modo toca em uma condição de iteração em que, segundo Triviños (1987, p. 150),

Quando se tem alcançado esse nível de simpatia recíproca, de confiança mútua, entre informante e pesquisador, podemos dizer que os dados fornecidos pelo entrevistado são vitais para a pesquisa, porque o informante marca sua presença também com verdadeiro interesse, isto é, está participando ativamente no desenrolar da investigação.

O que tampouco quer dizer que também eu tenha acesso a toda a informação que essas pessoas carregam, pois, como apontado por diferentes leituras aqui citadas os informantes também selecionam, organizam, constroem uma realidade. Tal pensamento nos leva ao sublinhado por Geertz (no trabalho de Velasco & Rada, 1997, p.8) de que “el etnógrafo no percibe, ni [...] puede percibir lo que su informante percibe. Lo que percibe, con alguna incertidumbre, es que percibe «con» – o «por medio de», o «a través de» – él”. Fico aqui com o sentido de que, portanto, a etnografia – uma das possibilidades que o trabalho antropológico pode gerar – é uma espécie de analogia que traduz um grupo de significados em outros e, fazendo uso de uma expressão trabalhada por Roy Wagner (2010), trata-se de uma invenção imaginada. Ou seja, muito embora o mesmo Roy Wagner afirme que sempre conseguimos alguma tradução, no trabalho etnográfico há também certas quotas de intradutibilidade, mesmo quando se é “de dentro”.

2. CAPÍTULO II: DO VALE DO RIO DOCE À ZONA DA MATA: DA CONSTITUIÇÃO DAS REGIÕES AO GOSTO DO CAFÉ

2.1. Nas regiões

Localizada a sudeste do estado de Minas Gerais, na Zona da Mata mineira, no encontro com os estados do Espírito Santo e do Rio de Janeiro, é onde se encontra o município de Espera Feliz. O movimento de ocupação dessa região, como apresentado no trabalho de Silva (2010, p. 12), “se efetivou em concordância com a crise do ciclo do ouro, aproximadamente no período de 1830”. O cultivo do café foi introduzido na região já atravessando a metade do século XIX, trabalhado à mão de obra escrava, e contou com um predomínio inicial de grandes propriedades (Campos, 2006; Silva, 2010).

No processo de ocupação da região da Zona da Mata mineira, lado a lado com o cultivo do café, “inicia-se um processo de crescimento demográfico, a urbanização e industrialização, bem como a construção de ferrovias, a partir de 1870, para fazer o escoamento da produção, fazendo com que esse se estendesse para região leste e norte” (Silva, 2010, p. 13). E é nesse contexto que encontramos a ocupação da região em que hoje se assenta o território do município de Espera Feliz, na microrregião de Muriaé.



Figura 1: Mapa região da região da Zona da Mata com destaque para localização de Espera Feliz.

Fonte: <http://www.skyscrapercity.com>

Assentada em uma origem mais lendária⁴, por volta de 1871 uma comissão de engenheiros enviados pela Corte desceu o rio Itabapoana – formado pelo encontro de dois rios nas fronteiras entre os estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro – até o rio São João, que hoje corre por dentro da cidade de Espera Feliz. De acordo com a história de fundação mais mítica, a qual se tem acesso, ali acamparam e descobriram que o local era excelente para a caça, e com presas abundantes era sempre uma feliz “espera”. O povoado surgido dessa condição da “espera”, tomando emprestado um conceito trabalhado por [Vidal & Musset, 2011 *apud* Alvarez & Cavieres, 2016], recebe então o nome de Feliz Espera. Ainda seguindo essa narrativa mais mítica de constituição do município, entre meados a fins dos anos 1870 é que se dá início à derrubada da mata virgem para plantio de cereais e, muito provavelmente, o cultivo do café⁵.

Anos mais tarde, com o avanço das malhas ferroviárias pelo território Brasil a partir da década de 1850, a passagem da estrada de ferro da Leopoldina Railway, ligada principalmente ao interesse da economia cafeeira do estado mineiro⁶, possibilitou a construção de uma estação no povoado, por volta de 1912. Em função da passagem da estrada de ferro, o nome do lugar foi novamente alterado e passou a se chamar Ligação, já que o povoado estava justamente no encontro entre dois ramais da estrada de ferro, um que corria para Manhuaçu-MG e outro que seguia pelo sul do estado do Espírito Santo.

A estrada de ferro que por aí passava, e que cumpria com a função de ligação entre a Zona da Mata de Minas Gerais e o estado do Rio de Janeiro, e também com o sul do Espírito Santo (**figura 2**), facilitava o escoamento da produção agrícola local, como o de toda a região dessa porção territorial de Minas Gerais. A passagem da linha ferroviária bem no centro do povoado representou um incentivo ao crescimento local tanto em termos econômicos quanto em números de habitantes, elevando o povoado de Ligação à condição de distrito, em 1915, cujo nome passa então a ser Espera Feliz, chegando à sua municipalização no ano de 1938.

⁴ Cf. in (Silva, 2010) e Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, IBGE, 1957-1964. Não foi apurada a fidedignidade da história de constituição do município.

⁵ Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, IBGE, 1957-1964.

⁶ “A província criada – a das Minas Gerais – não tinha saída para o mar. A decadência do ouro jogou a economia do estado montanhês no ostracismo [...] Mas a novidade que as ferrovias traziam aos mineiros era a da possibilidade de ligação com os portos. Em meados dos anos 1860, surgiram os primeiros estudos para ligar Minas Gerais ao litoral por estradas de ferro. Vislumbrava-se que os trens poderiam enfim escoar a produção agrícola do território, alcançar os mares, ver de novo bons tempos”. Cf. Fagundes, Mateus (2013). *Um trem chamado desenvolvimento*, Revista Dois Pontos.

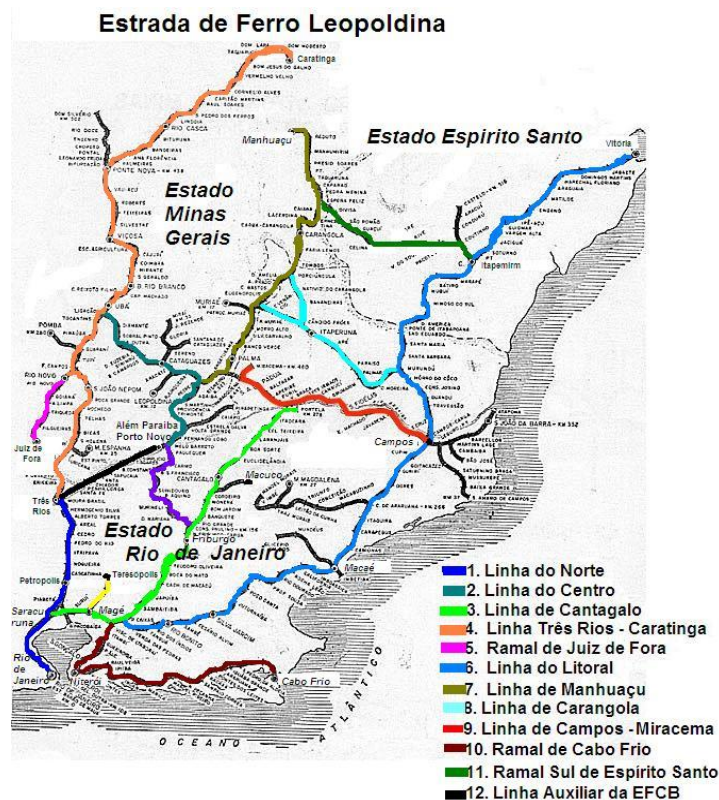


Figura 2: mapa da Estrada de Ferro Leopoldina (EFL).

Fonte: Google Imagens.

Por sua vez, a região onde está situado o município Ipanema (na fronteira com a Zona da Mata), o Vale do Rio Doce⁷, Leste de Minas Gerais (**figura 3**), era habitada pelos índios conhecido por aimorés, entre os tupis, e botocudos pelos portugueses desembarcados nestas terras. Povo seminômade, povoavam as margens do Rio Doce nessa porção do estado de Minas, descritos e pintados nas gravuras de Rugendas⁸ durante os anos 20 do século XIX (Machado, 2011; Zenha, 2002).

⁷ A região onde está Ipanema se situa no Médio Rio Doce. “A Unidade Médio Rio Doce possui seus limites a jusante da confluência dos rios Doce e Piracicaba até a divisa dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo” (Coelho, 2009, p.133)

⁸ Johann Moritz Rugendas foi um pintor e desenhista alemão que viveu alguns anos no Brasil e retratou as paisagens e usos e costumes dos “povos” brasileiros na primeira metade do século XIX, entre eles os Botocudos, contratado como desenhista da expedição científica organizada pelo naturalista e diplomata russo Georg Heinrich von Langsdorff, o barão de Langsdorff. (Zenha, 2002, p.136)



Figura 3: Mapa de MG, com destaque para o município de Ipanema, na mesorregião do Vale do Rio Doce, à fronteira com a Zona da Mata.

Fonte: Google Imagens.

No que se refere ao movimento de exploração desse território, Carvalho e Matos [2002] argumentam que a porção Leste de Minas Gerais⁹ e parte significativa do Espírito Santo contaram com um processo de entradas em grande medida bastante tardio, “uma vez que a Coroa portuguesa proibiu a ocupação das áreas ao leste da Estrada Real e da Zona Aurífera, de modo a dificultar o acesso de potências europeias a região das Minas e coibir o contrabando do ouro e diamantes” (Carvalho e Matos, [2002], p. 176).

Ainda de acordo com Carvalho e Matos, além de ser uma região que contava com área de difícil acesso, entre os povos indígenas que habitavam a região haviam alguns que eram temidos por sua fama de antropófagos arredios, a exemplo dos Botocudos. Como apontado por Carvalho e Matos [2002] e Carneiro (2008), tais fatores, somando-se a proibição oficial, a rusticidade da Mata Atlântica e os índios, foram capazes de conter a ocupação dessa região por mais de um século. Desde tal perspectiva, esse processo das primeiras entradas rumos ao interior do Vale do Rio Doce com a ocupação e a exploração mais efetiva dessa região, embora tenha antecedentes que remontem a segunda metade do

⁹ A porção Leste de Minas Gerais abrange as microrregiões da Zona da Mata,

século XIX, só se intensificou a partir da construção da estrada de ferro que ligaria Vitória a Minas, que se iniciou efetivamente em 1904 (Carneiro 2008; Carvalho e Matos, [2002]; Strauch, 1955; Coelho, 2009).

Com relação à fundação de Ipanema, esta leva, também um tom mais mítico, segundo os registros¹⁰ referentes à constituição da região, datado pelo período compreendido entre 1840 a 1850. Segundo as narrativas sobre a constituição do povoado que originou o município de Ipanema, um aventureiro de nome José Pedro foi o primeiro, enquanto explorador, a conseguir vencer as tais matas fechadas de então e chegar aos domínios que abarca, ou abarcava, o município¹¹. Dessa forma, o primeiro nome dado ao lugar foi de Povoado do Rio¹² José Pedro. Em setembro de 1928, numa alteração de seu topônimo, o município passou a se chamar Ipanema. Nome pelo qual os indígenas que povoavam a região conheciam o rio agora conhecido como José Pedro. Um nome de raiz tupi que carrega a interpretação semântica "água ruim", "rio de pouco peixes", por meio da combinação dos termos 'y' (água) e 'panema' (imprestável).

Ainda de acordo com registros histórico do município, e no percurso de constituição da região de Ipanema, por volta de 1850, também se registra a disputa pelas terras, em combates aos indígenas encontrados aí, pelo aventureiro Bernardes Leão. Da mesma forma, outro nome a marcar presença nesse percurso histórico é o de Antônio José da Costa, o qual, segundo contam, se apossou de aproximadamente cinco hectares de terra, onde deu início ao cultivo de café.

Nessa contextualização das regiões, ressaltamos a incorporação do município de Pocrane¹³ no percurso desse trabalho por sua representatividade no caso de migração para Espera Feliz. Em realidade, durante o desenvolvimento da pesquisa constatamos que as famílias envolvidas nesse processo de migração são oriundas, em boa parte, se não em sua maioria, do município de Pocrane e seu entorno.

¹⁰ Cf. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (2007). Não foi apurada a fidedignidade da história de constituição do município.

¹¹ O início do processo de emancipação municipal no Brasil ocorreu por volta da década de 1930. Esse processo se intensificou nas décadas de 1950 e 1960 e foi restringido pelos governos militares entre 1970 e 1980. Após o término do regime militar, as emancipações se intensificaram novamente, passando a se considerar, a partir da constituição de 1988, os municípios como entes federativos e a desempenhar um papel mais relevante na administração pública brasileira (Magalhães, 2007, p.13). A região de Ipanema era composta inicialmente por cinco distritos, além da sede: São José da Ponte Nova, São Manuel do Mutum, São Sebastião do Ocidente, Barra do Manhuaçu e Pocrane. Cf. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (2007).

¹² Principal afluente do rio Manhuaçu, possui sua nascente junto ao Parque Nacional do Caparaó e sua foz está localizada em Açaraí, município de Pocrane, Minas Gerais.

¹³ Cf. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, IBGE, 1957-1964.

Vizinho de Ipanema e já quase nos limites com o estado do Espírito Santo, Pocrane esteve como distrito ipanemense até dezembro de 1948, quando foi emancipado como município. O nome Pocrane faz referência ao nome de um índio botocudo que acompanhava as ações de catequização do padre francês Guido Marlière. A constituição do município compôs a expansão do povoamento na região vivenciado pelas ações de entradas rumo ao Vale do Rio Doce, e sua exploração, à época muito vinculada à retida de madeira da região.

A ocupação nas regiões aqui mencionadas está diretamente vinculada à destruição da Mata Atlântica no sudeste do país para dar lugar a expansão de culturas comerciais (Campos, 2006; Coelho, 2009), já que o ciclo do ouro se encontrava em decadência. E entre estas culturas comerciais o café vai se consolidando como principal produto, e com a chegada das malhas ferroviárias passa a figurar ainda mais no cenário agrícola, tanto na região de Espera Feliz, quanto em Ipanema. Este primeiro com ainda maiores transformações em função da passagem da estrada de ferro bem no centro de onde se formava o povoado, ao passo que a região onde está Ipanema ficou entre a ponta da linha de Leopoldina, que chegava a Manhuaçu, e a estrada Vitória-Minas, que passava a cerca de 90 km de distância, onde hoje se localiza o município de Aimorés-MG.

2.2. O gosto do café

À metade do século XIX, já se definia a predominância da produção de café em algumas regiões do Brasil, em especial no centro-sul do país. No curso da formação econômica brasileira, esse fruto ganhou preponderada relevância nas exportações e também influenciou de forma intensa no fluxo de mão-de-obra¹⁴ em decorrência de seu cultivo. No decorrer de sua trajetória, no entanto, “a cafeicultura brasileira passou por relevantes mudanças geográficas e estruturais e, alternadamente, por momentos de crise e pujança, sempre mantendo sua importância relativa para o desenvolvimento brasileiro” (Vilela e Rufino, 2010, p. 15). Assim, ainda hoje, primeiras décadas do século XXI, a produção do café no Brasil conta com elevada representação na economia do país e na geração de renda de inúmeras famílias que trabalham com esse produto.

¹⁴ Até os anos 1860, sustentada no labor dos negros escravizados, e posteriormente, pela inserção de trabalhadores estrangeiros, e também, migrantes internos vindos, principalmente, do nordeste brasileiro. (Silva e Menezes, 2006; Martins, 2013).

Com uma produção de café em todas as mesorregiões de seu território, o estado de Minas Gerais é considerado no presente o maior produtor de café do Brasil (Andrade, 1994), de onde é colhido mais da metade do café brasileiro (CONAB, 2015)¹⁵. Como apontado por Vale, Calderaro e Fagundes,

A liderança do Estado de Minas Gerais na cafeicultura se efetivou a partir da década de 1970, superando os principais Estados produtores, na época, Paraná e São Paulo. Isto se deu principalmente pela existência de um Plano de Renovação e Revigoramento dos Cafezais, proposto pelo Instituto Brasileiro do Café (IBC), a ocorrência de geadas nas principais áreas de produção desses dois estados. (2014, p. 5)

Atualmente a região Sul/Sudoeste de Minas constitui o principal e mais tradicional polo de produção cafeeira do Estado, com uma estimativa de produção de quase 50% da safra do estado para o ano de 2015 pelo Monitoramento Agrícola Safra 2015 (CONAB, 2015) – no ano de 2010 a região contou com um total de 650.222 toneladas, segundo o censo agropecuário disponibilizado pelo site do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)¹⁶. A expansão da cafeicultura no Sul/Sudoeste mineiro se deu a partir do cultivo do café no estado do Rio de Janeiro e no Vale do Paraíba - SP, no início do século XIX e se fortalecendo ao final do mesmo século desde a expansão da cafeicultura pelo Oeste paulista (Vale, Calderaro e Fagundes, 2014).

Considerada hoje como uma região de produção de cafés de excelente qualidade, conta com condições climáticas e solo favoráveis ao desenvolvimento do cultivo cafeeiro. São mais de 28 mil propriedades que cultivam cerca de 630 milhões de covas de café, numa área de aproximadamente 370 mil ha¹⁷. Por contar com um relevo muito acidentado, a cafeicultura no Sul/Sudoeste de Minas se caracteriza por uma elevada densidade do trabalho nas operações de cultivo devido à impossibilidade topográfica de desenvolver uma agricultura mais mecanizada, que operaria no sentido de redução de mão-de-obra (Vilela e Rufino, 2010; Vale, Calderaro e Fagundes, 2014). Dessa forma, predominam na região as pequenas e médias propriedades cafeeiras, com poucas agroindústrias envolvidas na produção, e algumas cooperativas importantes nesse circuito.

¹⁵ Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB – em seu “Boletim de Acompanhamento da Safra Brasileira de Café, Safra 2015, Quarto Levantamento, Brasília, dezembro de 2015, Minas Gerais foi responsável por 61,69% da produção de café do país, acompanhado do estado do Espírito Santo com 24,76% da safra brasileira.

¹⁶ Informação disponível em <http://www.ipeadata.gov.br>, de acordo com o censo agropecuário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

¹⁷ Fonte: CD ROM ‘Cafeicultura’ (s/a), produzido pela UFLA – Universidade Federal de Lavras.

Por outro lado, a região com maior produção do fruto em Minas Gerais em termos de produtividade por hectare (sacas/ha), segundo o Monitoramento Agrícola Safra 2015 (CONAB, 2015), é a de Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro. E em 2010, segundo IPEA, a região contou com uma produção de 308.201 toneladas de café. A expansão da produção cafeeira nessa mesorregião de Minas Gerais está atrelada à proposta de desenvolvimento tecnológico implementado pela Revolução Verde no Brasil (Porto-Gonçalves, 2006). A partir das medidas implementadas por tal revolução, embasada também pela ideia de mecanização da agricultura, difundiu-se também o uso de agrotóxicos, além de desapropriar pequenos produtores e comunidades tradicionais, entre outras, abrindo cada vez mais espaço ao “agronegócio”¹⁸. As consequências desse processo para a agricultura camponesa foram diversas. Como aponta Silva (2017, n.p.), com relação as alterações trazidas pela proposta de modernização da agricultura, “no âmbito das relações de trabalho houve um avanço do trabalho assalariado, em suas mais diversas manifestações, tais como trabalho temporário, sazonal, enfim, consequências da penetração do capitalismo nas relações produtivas no campo, submetendo a produção e o trabalho ao capital”. Tais processos, ainda de acordo com Silva (2017), foram viabilizados com intervenção direta do Estado.

Nesse sentido, segundo Vale, Calderaro e Fagundes (2014), a expansão da agricultura sobre o cerrado se deu, sobretudo, por meio de dois programas que foram fundamentais nesse processo: o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO) e do Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER), objetivando a produção de grãos e outras culturas no cerrado com alta tecnologia, difundindo as técnicas de correção e adubação de solos, para a disseminação de novas espécies e sementes adaptadas a esse tipo de solo dessa região.

Atualmente, com uma cafeicultura altamente técnica, há uma predominância das grandes propriedades monocultoras e agroindustriais, onde, por contar com uma topografia muito plana, favorece a realização de várias operações com máquinas, inclusive colheitas inteiras mecanizadas.

Por sua vez a mesorregião onde se localiza os municípios de Ipanema e Pocrane, o Vale do Rio Doce, conta com uma produção já bem menos expressiva, se comparada às

¹⁸ “Agronegócio é o termo utilizado inicialmente para definição de agricultura de alta tecnologia. Entretanto, atualmente a definição tem um caráter e simbologia política, que ao ser utilizado no âmbito dos movimentos sociais do campo, especificamente o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) significa uma crítica à concentração fundiária e a matriz produtiva da agricultura industrial capitalista (LEITE, S.P. MEDEIROS, L.S, 2012)”. Cf. em Silva, 2017, n/p.

mesorregiões citadas anteriormente, com uma produção que atingiu 82.552 toneladas de grãos de café no ano de 2010. A região da Zona da Mata, onde está localizado o município de Espera Feliz, também com um café de montanhas ocupa o terceiro lugar na produção cafeeira do estado. Em 2010 a safra de café nessa mesorregião alcançou 253.869 toneladas, tendo esse produto como cultivo predominante na sua agricultura.

Contudo, apesar do café se constituir como um cultivo predominante na Zona da Mata [e não somente], com vistas à instabilidade dos preços outros cultivos foram introduzidos em meio às plantações de café, tais como feijão, milho, arroz, entre outros gêneros alimentícios, que além de representarem um aporte de alimentos para consumo da família, também eram comercializados, podendo ser caracterizados como estratégias estabelecidas em momentos de crise do café, como apontado no estudo de Comerford (2003) e de Silva (2010). Essa policultura, muito comum na prática do campesinato, bem como a diversificação da comercialização, representam uma solução para os “anos bons de lavoura e os anos ruins”, como colocado por Garcia Jr. (1990, p. 106).

Ainda com relação à produção do café, como aponta Campos, “com a transição para o trabalho livre e diante da indisponibilidade de um contingente de trabalhadores assalariados facilmente controlável, a produção cafeeira na região passa a se organizar a partir de formas de relação de trabalho que davam acesso parcial ao uso da terra pelos trabalhadores, como colonato e a meação” (2006, p. 2). No presente, a ocupação territorial na região da Zona da Mata está caracterizada por um predomínio de pequenas propriedades, muito em função do progressivo processo de fragmentação das antigas fazendas ocasionado pela perda do dinamismo econômico e das divisões e subdivisões propiciadas na formação das heranças (Campos, 2006). Em sua maioria, essas propriedades da região organizaram-se pelo sistema de parceria e com trabalho marcado por mão de obra em sua maioria familiar.

2.3. O café em cada ponta.

A introdução do café nas duas regiões destacadas pelo presente estudo compõe parte das ações de desenvolvimento das mesmas. E ao tomarmos os dados do IPEA referente à produção de café no período até os anos 1960 temos que a produção cafeeira contava com um maior volume na região de Ipanema, como nos apresenta a tabela a seguir, e Espera Feliz passa a figurar com maior produção entre os três municípios já nos

anos 1960. Contudo, exatamente nessa década o mercado de café volta a viver uma grande crise por superprodução.

Tabela 1: Produção de café por tonelada entre os anos 1920/60 nos três municípios abordados.

PRODUÇÃO DE CAFÉ POR TONELADA 1920-1960				
Município	1920	1940	1950	1960
Espera Feliz		1.636	4.028	8.342
Ipanema	4.206	2.692	5.806	1.917
Pocrane			1.519	1.240

Fonte: Base de dados do IPEA, disponível em <http://www.ipeadata.gov.br>

Entretanto, ao fim dos anos 1960 e ao início da década de 1970, diante da perda de aproximadamente 80% da safra brasileira de café devido a uma forte geada nos principais produtores de café do país, São Paulo e Paraná (Vale, Calderaro e Fagundes, 2014), há uma resposta positiva do mercado ao comércio do produto, onde tem-se um efeito de elevação dos preços. E com o lançamento do Plano de Renovação e Revigoramento de Cafezais (PRRC) pelo Governo Federal entre 1962 a 1967 (Campos, 2006), com a disponibilidade de grande financiamento estimulando principalmente os Estados do Centro-sul, particularmente Minas Gerais (regiões Sul de Minas, Triângulo e Alto Paranaíba), a aumentarem significativamente suas plantações de café, onde Minas Gerais passa a ser o principal produtor do país.

E em meio a todo esse desenrolar, com o desequilíbrio ocorrido na oferta e demanda mundial do café durante os anos 1960, como sublinhado no trabalho de Silva “a região da Zona da Mata sofre implicações diretas tornando-se uma região problema, foco de incidência de programas específicos voltados para o desenvolvimento da região” (2010, p. 13). A partir da década de 1970, quando o café volta a ser o principal produto, representando valor monetário importante na composição da renda de famílias dedicadas à produção cafeeira, Espera Feliz se fortalece no cultivo do produto a partir das diferentes políticas voltadas ao fortalecimento dessa produção. Entretanto, o mesmo não ocorre com a região de Ipanema e Pocrane, como podemos perceber na tabela a seguir, em comparação com a tabela apresentada anteriormente.

Tabela 2: Produção de café por tonelada entre os anos 1973/81 nos três municípios abordados.

PRODUÇÃO DE CAFÉ POR TONELADA									
Município	1973¹⁹	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981
Espera Feliz		3.750	1.875	1.282	5.170	2.315	4.599	2.934	6.678
Ipanema		480	135	91	105	210	1.266	250	532
Pocrane		460	115	70	112	112	604	132	280

Fonte: Base de dados do IPEA, disponível em <http://www.ipeadata.gov.br>

Com o cenário que determinou a erradicação do café, na região de Ipanema lavouras inteiras deram lugar a pastagens – nos relatos de famílias que emigraram da região de Ipanema e Pocrane. Os principais investimentos naquela região se deu na constituição de pastagens – que coloca a população rural – do leste de Minas –, de acordo com Araújo (1999), em má situação, causada pela falta de trabalho.

Diante da carência de produtos agrícolas que pudessem ser substitutos para o café, alguns encontram como alternativas a ação de mudar para o meio urbano. Levas de trabalhadores deram partida a um intenso movimento migratório – dinâmica que como elucidada García Jr. (1990, p. 11), já “a partir dos anos 1940 o Brasil conheceu uma intensificação do fluxo de deslocamentos de trabalhadores do campo para as cidades (...) que se industrializavam rapidamente” – de início, rumo a Ipatinga, Volta Redonda, São Paulo; ou ainda para outras localidades mais distantes como Paraná, Rondônia e, entre outras, Brasília. Chalé, município próximo a Ipanema, por exemplo, como relata Araújo (1999), teve sua população reduzida de 12 mil habitantes para aproximadamente a metade. Espera Feliz, contudo, graças à exploração do caulim²⁰, foi um dos poucos municípios da região à leste de Minas que conseguiu escapar ao esvaziamento pela erradicação do café (Araújo, 1999).

Além disso, Espera Feliz contou, nesse período de reestabelecimento da atividade cafeeira nacional, com uma incidência direta das políticas do plano de renovação dos cafezais entre outras políticas públicas voltadas ao meio rural (Silva, 2010) que lhe permitiu o estabelecimento firme na produção de café nos anos seguintes. Ainda hoje o município conta com uma produção bastante elevada em relação aos outros dois, Ipanema e Pocrane, como nos mostra a tabela a seguir.

¹⁹ Não foram encontrados dados para o ano de 1973, muito provavelmente em função de que a árvore do café leva pelo menos 3 anos para iniciar sua produção mais considerável, e o Plano de Renovação e Revigoração do Café (PRRC) tem sua ação desenvolvida até o início dos anos 1970 (Vale, Calderaro, e Fagundes, 2014).

²⁰ Mineral. Cf. em <http://www.dnpm.gov.br/assets/galeriadocumento/balancomineral2001/caulim.pdf>

Tabela 3: Produção de café por tonelada entre os anos 2006/10 nos três municípios abordados.

PRODUÇÃO DE CAFÉ POR TONELADA					
Município	2006	2007	2008	2009	2010
Espera Feliz	10.800	9.720	14.025	9.990	13.320
Ipanema	270	298	335	381	702
Pocrane	623	572	624	1.765	820

Fonte: Base de dados do IPEA, disponível em <http://www.ipeadata.gov.br>

Assim, o que nos fica desse capítulo nos traz um pouco da dimensão de ocupação das regiões, que contaram com dinamismos muito distintos, onde Espera Feliz, de certa forma, consegue certa diferenciação em função dos processos dos quais se beneficia, seja da sua constituição em um ponto de passagem de parte da malha ferroviária que lhe permitia certa fluidez da produção ou da própria entrada às políticas públicas que lhe permite boa recuperação de seus cafezais. A questão que nos salta, é que a partir dessa perspectiva é que a região de Espera Feliz, povoou o imaginário de muitas famílias de outros cantos, de outros municípios, como sendo um lugar onde “fazer a vida”. E a regiões de Ipanema e Pocrane – situados a 139 e 175 quilômetros, respectivamente, de Espera Feliz – são exemplos de onde se origina boa parte dessas famílias que lançam seu olhar sobre Espera Feliz, como um lugar de riquezas, “modernidade” e de possibilidade de saída às dificuldades financeiras, a partir dos anos de 1970 e principalmente na década seguinte.

Uma perspectiva abordada aqui, contudo, vinculada diretamente ao meio rural, uma vez que nesse período, como apresentado anteriormente, encontramos o auge do imaginário desenvolvimentista no Brasil, cuja ideia de modernidade está mais associada à imagem do urbano e da indústria. E ao povo de Ipanema e Pocrane lhes alcançava estar muito próximo a Ipatinga, um exemplo de centro com projetos político-econômicos repletos desse imaginário²¹. Nesse contexto, inicia-se um fluxo de migração “rural-rural” com o deslocamento de várias famílias desde Ipanema e Pocrane rumo às lavouras de café de Espera Feliz com a finalidade de trabalhar na produção do fruto do café.

²¹ Como aparece em relatos, que serão tratados mais adiante, e também no trabalho de Araújo (1999), há outros fluxos migratórios desde a região onde está Ipanema e Pocrane rumo a algumas dessas cidades que se industrializavam rapidamente e se tornavam “centros de atração”, ou a própria recém-criada capital nacional, Brasília-DF. Entretanto, optamos neste trabalho ter uma lente voltada para esse fluxo rural-rural rumo a Espera Feliz.

3. CAPÍTULO III: A MIGRAÇÃO

Quando colocamos em pauta o tema das migrações no Brasil, de modo mais corriqueiro, o que se lança mão de imediato está mais associado ao êxodo rural rumo aos grandes e médios centros urbanos, e às pequenas cidades, com menor intensidade. Encontra-se também estudos mais ancorados a um olhar sobre os movimentos de migração sazonal, nesse caso os estudos de Maria Ap. de Moraes Silva, entre eles *Errantes do Fim do Século* (1998) estão entre os mais significativos na atualidade.

Com relação aos fenômenos de movimentos migratórios internos, Vale et. al (2004) ressalta que a história do Brasil está fortemente marcada por tal fenômeno. Inicialmente, pelo fator colonização e, mais recentemente, pelo deslocamento interno em um fluxo migratório propiciado ao decorrer de cada ciclo econômico. E a partir dos anos 1940, as migrações internas começaram a desempenhar um papel de destaque na recomposição espacial da população, muito em face do processo de forte industrialização, desempenhado principalmente pelo sudeste brasileiro (García Jr. (1990). Em uma perda de população do rural ao urbano, ao alcançar a década de 1970 os números do urbano brasileiro já contava com quase 56% da população total (IBGE, 1987). A partir da análise dos dados disponibilizados no site do IBGE, a diminuição da população rural se mostra como uma tendência que se mantém até os anos 1990 em nível nacional.

Os três municípios aqui abordados também não escapam de tal tendência de diminuição da população rural. Tomando os dados populacionais de Espera Feliz, Ipanema e Pocrane (IBGE, 1987; 1996; 1997), a partir dos anos 1970 percebemos uma inversão populacional do rural ao urbano, em porcentagens, que se mantem em certa proporção ao longo dos anos seguintes, como podemos perceber na tabela abaixo.

Tabela 4: dados populacionais em porcentagem (%) nos três municípios abordados

MUNICIPIO	OPCAO	1970	1980	1991	2000	2010
Pocrane - MG	Urbana	25,11	33,3	41,39	52,25	60,08
	Rural	74,89	66,7	58,61	47,75	39,92
Ipanema - MG	Urbana	30,44	49,3	59,72	75,28	78,15
	Rural	69,56	50,7	40,28	24,72	21,85
Espera Feliz - MG	Urbana	30,45	40,83	40,69	54,86	62,01
	Rural	69,55	59,17	59,31	45,14	37,99

Fonte: Estatísticas Históricas do Brasil/volume 3 - IBGE, 1987

Assim, analisando os dados dispostos na tabela 4, de 1970 para 1980 o município de Pocrane apresenta um crescimento de 8,19% de sua população urbana. Do mesmo modo, Ipanema e Espera Feliz apresentam um crescimento urbano próximo a 18,9% e 10,4% respectivamente. No decênio seguinte (1980/91), Pocrane e Ipanema seguem aumentando seu número populacional urbano em uma porcentagem de 8,09% e 10,42% cada. Ainda de acordo com gráficos do IBGE (1987), já a início dos anos de 1980 o município de Ipanema já apresentava uma população urbana já alcançando os 50% de sua totalidade (figura 4).

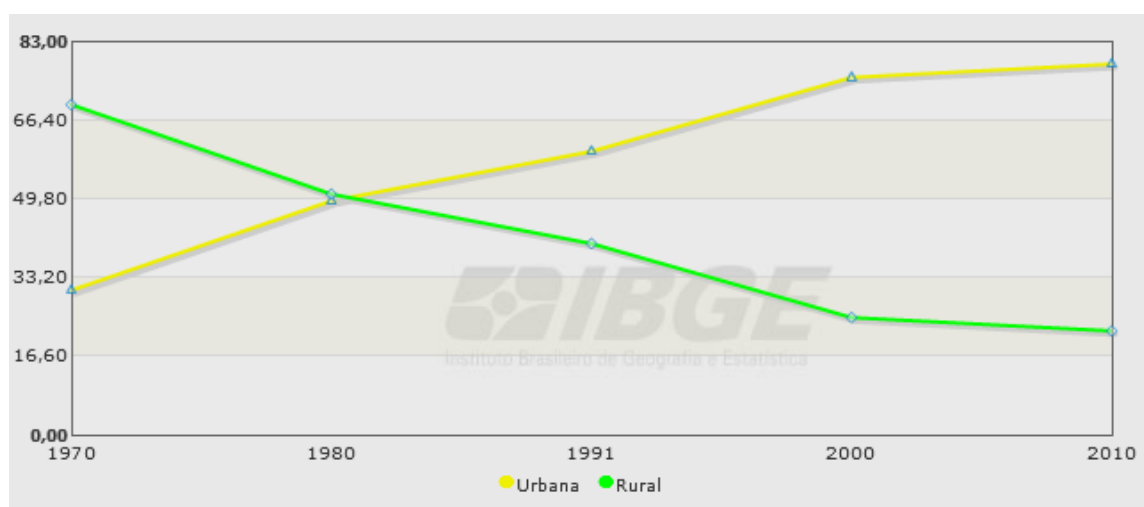


Figura 4: gráfico populacional do município de Ipanema-MG para os anos 1970 a 2010.

Fonte: Estatísticas Históricas do Brasil/volume 3 - IBGE, 1987

Pocrane por sua vez vai encontrar com essa inversão rural-urbano, segundo o IBGE, a fins dos anos 1990, mas numa constante [e quase aritmética] perda de população do meio rural em relação ao urbano. Entretanto, Espera Feliz por sua vez, como destacado na tabela 4, nos anos 1980 experimenta uma reversão dessa tendência com uma recuperação de sua população rural em mais ou menos 0,14%, e que se mantém até 1991 (IBGE, 1987), quando volta a seguir a tendência de perda populacional do rural.

Um dado curioso no caso de Espera Feliz nesse período, é que justamente representa o período onde alcança sua maior produção de cafeeira no período de 1920 a 2010, segundo dados agropecuários do IPEA. O município praticamente triplica sua produção no ano de 1983 em relação ao ano de 1981, quando foi sua maior safra até então. Por suposto que uma série de fatores pode estar atrelada a tal número, como a própria entrada no PRRC ou ainda outras políticas públicas voltadas para o meio rural mencionado no capítulo anterior. O fato é que há uma mudança no meio rural de Espera Feliz nesse

período que nos chama a atenção e que foge à tendência em vigor de esvaziamento do meio rural.

De certo modo, as migrações internas no Brasil, estão intimamente atreladas às mudanças na estrutura agrária e ao desenvolvimento econômico de centros urbanos que acabaram por operar como força de atração de movimentos migratórios no apogeu das ideias desenvolvimentistas. Além do fato de que as cidades exerciam atração sobre a população residente no campo a partir da crescente industrialização, como apresentado por Garcia Jr., verificava-se a uma série de transformações das relações de trabalho no campo, face à modernização da agricultura, que tende a atuar como fator de expulsão do campo. Segundo Paul Singer (1973, apud Silva e Menezes, 2006), umas das principais forças de expulsão do meio rural diz respeito ao que ele apresenta como *fatores de mudança*, desdobramentos da introdução de relações de produção capitalistas em determinadas áreas, e que leva a uma expropriação de camponeses, expulsão de agregados, parceiros e outros agricultores que não são proprietários (Silva e Menezes, 2006).

Muitas análises dos processos migratórios passam a se centrar em uma *dualidade*, segundo Silva e Menezes (2006), na qual o Brasil se adentra com o processo de modernização e industrialização, bem como a mecanização e incremento de políticas de desenvolvimento da agricultura que privilegiaram certas localidades, ao passo que outras foram se tornando zonas marginalizadas, “atrasadas”, por assim dizer.

A antropóloga Eunice Durhan (1973), por exemplo, em seu livro *A caminho da cidade*, trabalha a afirmativa de que as migrações do campo para a cidade se apresentam como um aspecto desse desenvolvimento diferencial das diversas regiões do país (apud Silva e Menezes, 2006, p. 3).

Todavia, uma crítica a essa perspectiva de análise das migrações a partir de uma dualidade existente no país é desenvolvida pelo sociólogo Francisco de Oliveira em seu livro *a Crítica à Razão Dualista* (1977 apud Silva e Menezes, 2006), quando afirma que “não há região atrasada em oposição à moderna, mas é o processo de acumulação capitalista que gera desigualdades de desenvolvimento no espaço socioeconômico” (Oliveira, 1977 apud Silva e Menezes, 2006, p 3). Segundo essas autoras,

Há uma relação funcional entre as regiões e as migrações internas se situam no próprio marco do desenvolvimento industrial no Brasil. Assim, quando ocorre a conversão da região do café em região da indústria, começa a se redefinir a própria divisão regional do trabalho em todo o conjunto nacional. O papel da “região” Nordeste passa a ser, de um lado,

sistematicamente, a de reserva do exército industrial para as regiões desenvolvidas como as do Sudeste. Há, assim, uma relação de funcionalidade, onde as regiões menos desenvolvidas são exauridas de seus recursos, no caso, de força-de-trabalho, para sustentar a expansão das regiões mais desenvolvidas (ibidem).

Entretanto, as características migratórias, a partir dos anos 1980, configuram o estabelecimento de novos padrões, possibilitando a verificação de uma significativa diversidade de situações de deslocamentos populacionais e uma forma muito distinta com que essa diversidade se manifestou no território nacional. Alguns autores apontam para as transformações acentuadas nos volumes, fluxos e características dos movimentos migratórios no Brasil neste período. “As migrações que marcam o período após 1980 deixam de ser majoritariamente de tipo campo-cidade” (Matos, 2002, p. 50). Nesse sentido, na Zona da Mata, segundo Lisboa (2008), observa-se a vinda de pessoas das grandes cidades em direção às cidades mais interioranas.

Os movimentos migratórios ganham novas dinâmicas, inaugurando novos espaços de atração populacional, diferentes dos anteriores, pois “[...] as décadas de 1980 a 1990 marcaram a emergência de novas territorialidades que influíram nos movimentos migratórios” (Matos, 2005, p. 126). O autor destaca o surgimento de novos tipos de movimentos populacionais, onde segundo ele, “Cabe destacar que os fatores que retêm e os que atraem ou repelem as pessoas não são compreendidos exatamente nem pelo cientista social, nem pelas pessoas diretamente afetadas” (Matos, 2005, p. 101). O que, ainda segundo o mesmo autor, “ocorre porque a decisão entre migrar e não migrar está envolvida em uma reflexão sobre fatores econômicos, sociais, psicológicos etc. A decisão de emigrar [...] parece ser a resultante de uma acumulação de muitos temores e esperanças, da interação de muitas forças coletivas” (Matos, 2005, p. 631).

As migrações se mostram assim, como sendo não somente meros deslocamentos demográficos por determinados espaços sociais, como revelado pelos estudos de trajetórias desenvolvidos por Silva e Melo (2009), mas um conjunto de transformações, e decisões dos quais só se tem acesso [e talvez não a um todo] desde a perspectiva dos sujeitos alcançados por tal deslocamento, numa perspectiva trabalhada por Sayad (1998). Como colocado por Silva (2001, p. 290),

Defende-se, de antemão, a ideia de uma migração forçada, imposta pela estrutura social, econômica e política atual. A migração é resultado de um processo histórico e, ao mesmo tempo, causa de um outro. É justamente

aí que residem as bases analíticas da ação dos sujeitos envolvidos. A exclusão não pode ser vista como algo absoluto, pronto, fechado, finito. Entende-se a migração como uma abertura, como caminho para novos ciclos que se abrem e se fecham constantemente.

A isso se soma uma abordagem que, de acordo com Wanderley, principalmente entre estudiosos e planejadores do desenvolvimento brasileiro, há uma tendência em se olhar o Brasil desde as suas cidades numa postura que atua num desconhecimento da importância econômica do meio rural (Abramavay, 1998 apud Wanderley, 2009, p. 263). Para ela, a visão depreciativa que se alimenta sobre o que vem dos “grotões” de nossa sociedade ganha força com o tratamento dedicado ao meio rural como sendo um vazio social, o qual “seus problemas encontram ‘solução’ no êxodo – *banalizado* – de sua população, ainda remanescente, para as cidades, a redução da população é percebida como um sinal de progresso, de que seriam exemplo as nações desenvolvidas”.

Ainda com relação a esses processos migratórios, Baeninger (2012) ressalta em seu trabalho sobre as migrações internas no Brasil no século XXI o caráter ampliado que a entrada no referido século demanda para o entendimento das migrações internas para além de um contexto circunscrito ao nacional. Em sua análise, e em concordância com Harvey (1992), as configurações sociais a que entramos a nível mundial, como por exemplo, quando pensamos a divisão internacional do trabalho, tornam, por vezes, limitadas as explicações das migrações internas no país apenas pelos movimentos estruturais ou conjunturais da dinâmica econômica brasileira, em que a inserção periférica de espaços nacionais passa a incluir dinâmicas locais ao sistema-mundo (Wallerstein, in Santos, 2006). O propósito do trabalho de Baeninger (2012) procura incorporar às explicações dos processos migratórios um olhar para fora das fronteiras nacionais.

3.1. Rumo a(o) *Paraíso*

[...] Um dos filhos conta que eles estavam capinando uma palhada e alguém gritou: vocês vão mudar pro paraíso! Eles jogaram os “cacumbus” e partiram correndo sem ao menos olhar para trás. Partiram rumo ao desconhecido. (AMAURI ADOLFO. Um novo Tom para a garota de Ipanema²²).

²² Texto agregado a este trabalho como anexo. Um conto escrito a partir da narrativa de uma família que migrou de Ipanema para Espera Feliz, em uma visita em um Intercambio Agroecológico na comunidade de Vargem Alegre, Espera Feliz. Os Intercâmbios Agroecológicos são experiências educativas inspiradas na Metodologia Campesino a Campesino, desenvolvida em países da América Central, com destaque à Cuba. A proposta principal desta experiência é que as motivações e os aprendizados dos agricultores são

Nesse “rumo”, extrapolando para além das fronteiras regionais [e nacionais] nos processos de migração, sobre o esvaziamento do Leste de Minas Gerais, onde se localiza os municípios de Ipanema e Pocrane, Araújo (1999, p. 75) aponta que “na década de 1960, (...) a cultura do café se constituía como uma atividade econômica dominante” (...) e que “esse tipo de lavoura, como se sabe, apresenta uma grande vantagem sobre outras espécies de plantio: *a fixação do homem no campo*. A região onde o Pe. Geraldo trabalhava era, assim, muito povoada. Em suas visitas mensais às comunidades, a regra era encontrar as igrejinhas abarrotadas de gente” (ibidem). Com o findar das lavouras de café na região tem-se uma alteração na dinâmica agrícola, e da mesma forma na dinâmica populacional.

O que nos ocorre é que processos econômicos, sociais e políticos se encontram em uma articulação íntima à expansão mundial do capital (Featherstone, 1995). Dessa forma, na articulação entre global e local – *sistema mundo* –, ao regressarmos aos anos que se seguem à 1960 com a crise do café seguida de sua erradicação financiada no decorrer da referida década, em função de um contexto de crise global no mercado de café, mas que recai diretamente sobre o local, traz consigo uma reconfiguração das práticas agrícolas em várias regiões que tinham a produção cafeeira como principal mantenedor, como ocorreu com os municípios base deste trabalho. O fato é que, obviamente sem querer atrelar a iniciativa dessas famílias de migrar somente a um fator puramente econômico ou sob influência de características puramente externas, como já ressaltado anteriormente, essas são dinâmicas que não se encontram isoladas e também são constitutivas do processo migratório. Além disso, como aponta Silva (1999), o campo brasileiro seguido aos anos 1960 passa por uma série de transformações e reorganização que trazem um peso às migrações rurais.

A esse respeito, muitos dos “ipanemenses” que vivem em Espera Feliz, no transcurso da elaboração de seus discursos, trazem de imediato a situação em que se encontrava (ou se encontra) a região de Ipanema e Pocrane numa relação com o findar das plantações de café. No entanto, sem acionar uma relação imediata com a crise do mercado cafeeiro e que de ali em diante teria alguma inferência nas suas situações futuras. Como aparece na fala de Sr. José, um dos agricultores que fizeram esse trajeto de partir de Pocrane para viver em Espera Feliz. Ele nos diz:

potencializados pelas visitas aos agroecossistemas de agricultores que, como eles, enfrentam as mesmas limitações de mão de obra e de recursos. Nas palavras de Machín Sosa *et al.* (2012), “Quando o agricultor vê, ele acredita”.

Lá na região a gente trabalhava com café também. Eu era criança (década de 1960). Aí deu muita broca no café e meu pai perdeu a colheita toda. Não dava mais para trabalhar com café. Aí o banco começou a pagar para arrancar as lavouras e todo mundo começa a acabar com o café. Aí depois o pessoal passou a trabalhar com “roça branca” e pasto.

Quando saem rumo aos cafezais de Espera Feliz, trabalhavam, além das pastagens, o que os agricultores denominam de “roça branca” (Comerford, 2000) – milho, arroz, feijão – e a criação de porcos, galinhas e outros animais, apontando para uma diversificação/policultura tipicamente trabalhada pelo campesinato. Em alguns relatos aparece como uma atividade comum que algumas pessoas saíam de Espera Feliz e iam até a região de Pocrane e de Ipanema com a finalidade de comprarem produtos da região, principalmente o arroz.

Nessa relação tem-se um trânsito de informações, para além de produtos agrícolas (entre eles o café), que começam a tecer, ou efetivar, as elaborações em torno das possibilidades de trabalho e trabalhadores. E com a demanda de mão-de-obra para o café em Espera Feliz – ou a oferta dela muito barata em Ipanema e Pocrane, o que coincidia muito bem com o contexto e expectativas, numa mão dupla – inicia-se um movimento onde alguns proprietários de cafezais, da comunidade Paraíso – município de Espera Feliz – se deslocavam até Ipanema para buscar um “caminhão de gente lá em Ipanema para trabalhar em Espera Feliz”, como define alguns migrantes.

Caracterizava-se, contudo, uma espécie de migração sazonal já que saíam somente por um período determinado: a colheita do fruto. No entanto, essa *circularidade* abre um caminho para o início de uma intensificação do trânsito de informações. Criam-se redes de relações que possibilitam o início de um deslocamento de pessoas destinadas a trabalharem nas plantações nos períodos de colheita, como expresso em uma entrevista com D. Maria do Sr. Zé João. Diz ela sobre as idas e vindas de seu filho para trabalhar nas lavouras de café de Espera Feliz:

“Nesse intervalo ele arruma um serviço. E aí ele já foi buscar, nós nem estava esperando, ele chegou com o caminhão”.

Ao relatar como acabaram por migrar rumo a Espera Feliz, evidencia os efeitos desse trânsito de informações quanto às possibilidades que se abrem quando o filho vai trabalhar na colheita de café, “com os amigos que já moravam em Espera Feliz”. E *serviço*

se refere a uma casa com uma lavoura para a família trabalhar. O que se tem agora é uma migração com permanência em condição de *morador*, tomando emprestado uma definição trabalhada por Garcia Jr onde o autor descreve que:

Ser morador ou tornar-se *morador* significava se ligar ao senhor do domínio de uma maneira muito específica, numa relação que supunha residência e trabalho simultaneamente. A ênfase na residência, que o termo *morar* revela, tem um forte significado simbólico. Quem se apresenta ao *senhor-do-engenho* não pedia trabalho, pedia uma *morada*. (1990, p. 38).

Apesar de a definição trabalhada por Garcia Jr. utilizar-se do termo senhor-de-engenho, em função do contexto em que o autor tece sua análise, não se trata, todavia, de uma comparação entre os proprietários das lavouras de café aqui apresentados com os ditos senhores-de-engenho de outrora. Muito embora apareça em alguns relatos o que os trabalhadores *ipanemenses* definem como “desmando” por parte do patrão, que colocava ao “empregado” uma condição de submissão ao dono da terra. O que fica são os mecanismos utilizados na firma de uma *parceria* e a subordinação a qual o trabalhador, sem condições de posse dos meios de produção (nesse caso a terra), se vê atado, em que na entrada à propriedade o migrante tinha uma casa destinada à sua família. E a subsistência cotidiana, como coloca Garcia Jr. (1990), era uma questão familiar.

Nesse movimento, um dos proprietários²³ de lavoura de café em Espera Feliz, e um dos compradores de produtos agrícolas em Ipanema e Pocrane, leva para Espera Feliz o que em muitos relatos aparece como a primeira família ipanemense a se instalar nas terras esperafelicenses. Até então, o que se sabia em Ipanema e Pocrane é que a família do senhor Zé Carlos, tinha ido para Espera Feliz, morar na comunidade do Paraíso, trabalhar nos cafezais.

Após algum tempo morando aí e no cultivo cafeeiro, Sr. Zé Carlos consegue comprar um *carrinho*²⁴. Assim, as narrativas reforçam que, aos poucos, constituiu-se o imaginário que ali estavam as possibilidades de prosperar-se, de “fazer a vida”, como colocam as famílias entrevistadas. Uma expressão que traz consigo o próprio sentido de fazenda, elucidado por Jose de Souza Martins em sua obra *O cativo da Terra* (2010) que

²³ O nome do proprietário não nos foi informado pelos entrevistados.

²⁴ Referem-se às aquisições materiais, principalmente às que representa certo grau de ascensão econômica, quase sempre no diminutivo: carrinho, casinha, terreninho...

trata do nosso desenvolvimento enquanto sociedade capitalista e analisa as condições sociais no campo face à cultura do café.

O que fica de sentido na conquista do carrinho pelo Sr. Zé Carlos entre as famílias que ficaram, como aparece numa conversa com o Sr. José, um dos migrantes, é que ele “morou a vida toda lá em Ipanema e não conseguia nada e aí veio para Espera Feliz e logo comprou um carrinho. Aí o povo já ficou doido. Tem que ir é pra Espera Feliz”. A perspectiva alimentada desde essa possibilidade na migração, traz consigo um tipo de narrativa mítica e épica muito comum a outros processos migratórios, em um movimento que implica manter vivas as ilusões de melhoria, de ascensão social, de projetos de vida (Silva e Menezes; 2006), sobressaindo-se, muitas vezes, aos problemas enfrentados no processo. A esse sentido, algumas famílias que narram sua situação anterior já num sentido de reafirmar a melhoria de vida na ida rumo ao *paraíso*.

Retomando a ideia de morador apresentada anteriormente, não saíam de Ipanema e Pocrane e se lançavam à Espera Feliz, ao Paraíso, com toda a família, no intuito de lá chegando, iniciar uma busca a fim de conseguirem um lugar para morar e trabalharem, se fixarem (Silva e Melo, 2009). Na maioria dos casos, saíam de sua região destinados a uma determinada propriedade *arranjada* por meio da rede de relações preestabelecidas em um movimento anterior. Numa espécie de migração, em certo sentido, subvencionada, mas também acentuadamente marcada por alianças e trocas simbólicas (Bourdieu, 2005), uma vez que o interesse dos futuros patrões, necessitados de mão de obra, era ter aquela família trabalhando em sua propriedade e o anseio da família era a terra para trabalhar.

Nesse percurso, quando estes migrantes assumiam uma *morada* nos cafezais era firmada sobre o sistema de parceria²⁵. Tal expressão, como apontado por Naves & Romano (2011, p. 13),

[...] refere-se a uma prática comum em diversas áreas rurais do país na qual agricultores com pouca ou nenhuma terra cultivam em propriedades de terceiros e dividem – da forma acordada: meia, terço entre outras formas – os resultados das colheitas com os donos das terras que podem ser proprietários médios, relativamente pequenos ou grandes.

Assim, a constituição de formas de parcerias nos seus distintos formatos reluz como uma estratégia para garantir o acesso à terra utilizada tanto por proprietários detentores de tal recurso e que, no entanto, visam a redução de investimentos em mão-de-obra, como

²⁵ Como mencionado no capítulo de caracterização das regiões, esse sistema se tornou muito comum na região da Zona da Mata mineira, em função das mudanças com relação à mão-de-obra nos cafezais.

também, do outro lado, por aqueles que não possuem o mesmo recurso, mas que precisam e, além disso, querem seguir trabalhando em atividades agrícolas (Naves & Romano, 2011).

3.2. “Lugar”, “colocação”, “morada arranjada”: entrando na rede

Constituía-se, portanto, uma rede de relações, de informações e de possibilidades cada vez mais acentuada e que tendia a propiciar o movimento migratório entre os municípios aqui envolvidos. O que se estabelece nesse contexto passa a ser um movimento migratório em “cadeia”, para lançar mão de uma categoria trabalhada na tipificação desenvolvida por Tilly (1978 em Truzzi, 2008), a qual, segundo este autor, envolve o deslocamento de indivíduos motivados por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no local de destino.

Nesse horizonte, as famílias que já se encontravam vivendo em Espera Feliz ao visitarem parentes e amigos no município de origem – ou o contrário – também alimentavam o imaginário dos que ficaram, algo muito presente no alçar olhar rumo as possibilidades, tomando emprestado um transcurso feito de forma magnífica por Souza (2000), numa tentativa de levá-los também ao Paraíso, a melhorar suas condições financeiras, fazer a vida, como aparece no relato de D. Lourdes:

Os parentes do Raimundo moravam lá... o tio Manuel Teixeira, no terreno da Cecília (comunidade do Paraíso) [...] aí o Raimundo veio passeando na casa deles e pediu o papai pra eu vim com ele, mas o papai não deixava eu sair assim, nós tava namorando. Aí ele veio, olhou um lugar e falou comigo: ah! Arrumei um lugar pra gente morar. Lá no Paraíso. Eu falei: é perto? Não, né perto não. É bem longe. Aí nos casamos num sábado [1980], quando foi na quarta-feira nós viemos embora. Não compramos nada, deixamos pra comprar tudo aqui. Aí nós pois os trezinhas, os presentinhos meu e do Raimundo, em cima do caminhão que puxava leite e trouxe até nos Caiu – [como chamavam as terras de uma fazenda entre as comunidades de Santa Maria e Santa Constância, municípios de Pocrane e Ipanema] – Aí chegou lá esperamos o ônibus pra ir pra casa do pai do Raimundo. Aí na quarta-feira o compadre Zé Miranda foi lá buscar os trem. Aí veio quatro mudanças. Emendou o caminhão com os forros das camas e cresceu a carroceria dele e veio quatro mudanças.

A morada *arranjada* por que Sr. Raimundo se deu muito em função do conhecimento que o dono da terra que lhe receberia dispunha a respeito de seus tios. Essa

era uma prática comum por parte dos proprietários: fazer uma avaliação para saber a origem e índole de quem viria para suas terras, como relata Sr. Messias:

O compadre Mirom morava aqui, aí eu vim com ele procurar um *lugar*. Aí pedi um lugar ao Davi e voltei pra Santa Maria sem resposta. O Davi investigou quem eu era, se era trabalhador, correto e aí foi lá em Ipanema me oferecer a colocação.

A seleção por parte dos “donos da terra”, nessa lógica do recrutamento, vai se constituindo em diferentes aspectos, e que conta também com um comprometimento por parte de quem indica. A ideia de uma pessoa “boa para o trabalho”, “correta” são fatores que pesam na indicação e na escolha dessas famílias. E nessa perspectiva, escutei, não poucas vezes, expressões como “o povo de ‘Ipanema’ é muito trabalhador” e “é bom de mexer”.

A mesma iniciativa de avaliação, no entanto, não cabia aos migrantes com relação ao padrão que lhes tocava na ida para Espera Feliz. O movimento empregado por eles era no sentido de conseguir uma morada para levar a família. Em muitos casos relatados, após a chegada à moradia em Espera Feliz, a família permaneceu por um ano ou dois na propriedade e logo, dentro da rede que lograva estabelecer, conseguia outra morada. Outra *colocação*, como dizem. Como se estivesse entrando a uma empresa e logo viesse a promoção.

Outro aspecto com relação às redes que se forma, e a ideia de *dádiva* presente nos movimentos migratórios (Bueno e Khoury, 2008), há uma espécie de solidariedade desde o local de origem muito ligada à ideia de sofrimento, onde quem já está em Espera Feliz sentem-se motivados a ajudarem os que ficaram no local de origem, e passando por situação parecida, a migrarem também para o mesmo local, na perspectiva de que lá está melhor a situação e de que se pode fazer a vida. E nesse sentido da rede, Silva (2006) argumenta que, são essas redes sociais, recomendações de parentesco e amigos presentes nesse movimento que funcionam como um aporte para as pessoas migrarem.

O relato de D. Lourdes expressa claramente a rede que vai se constituindo nas relações de parentesco, chegando também ao compadrio. Os tios de seu esposo já moravam na comunidade do Paraíso. Cecília é cunhada de Zé Miranda. Seu esposo, Sr. Raimundo, conhece Zé Miranda nessa visita a seus tios. Então Raimundo expressa seu desejo de ir viver aí, em Espera Feliz, onde Zé Miranda lhe oferece uma morada, mas em função do conhecimento que dispunha de seus tios.

Em um mesmo viés que elucida um pouco mais sobre a rede que se cria no processo, em outra entrevista, Sr. José refaz seu percurso até a ida para trabalhar no café e coloca como seu sogro o influenciou a *mudar*.

Ele veio antes e aí quando *voltou lá* falou que era aqui que eu tinha que morar. Eu vim era mais ou menos 1985 pra 1986. Aí comecei a trabalhar nas terras do Sô Marim, formei uma lavourinha. Mas aqui era muito frio. Ficava branco de geada e aí a mulher ficou muito doente e nós voltamos pra Ipanema [finais de 1989]. E depois disso ficamos *lá* até 1990 e fomos pra Brasília. Eu já tinha morado lá em 70. Aí lá a gente ficou uns seis meses só e voltamos pra Santa Maria – Pocrane – e depois viemos pra cá em 94. E estamos até hoje aqui...

O que nos desenha é que é preciso estar, ou ser inserido, em uma rede de relações. Analisando as redes migratórias, Massey (1988, p. 396 apud Truzzi, 2008, p. 203) nos diz que estas podem ser definidas como sendo “complexos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não-migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade”. E uma vez estabelecido, já morando nas terras de Zé Miranda, criam um vínculo que vai constituindo relações próprias do “parentesco”, chegando ao compadrio, algo que se torna muito comum nessa trama. Desde tal construção, como nos expõe Haesbaert (2006), a constituição das redes carrega a potencialidade de fazer circular as memórias, as representações, os vínculos, os contatos familiares e as amizades.

E quando relata sua trajetória, Dona Lourdes inicia a narrativa desde Santa Maria, apesar de sentada em sua varanda na comunidade de São Domingo, Espera Feliz. A memória parte do *lá*, num movimento de direção do olhar até Espera Feliz, em um exercício onde certas lembranças se renovam (Bosi, 2004), e ao mobilizar tais lembranças acerca do tema pesquisado, as pessoas se restituem de uma posição anterior ao momento presente em um trajeto que evidencia consigo uma dimensão fundamental das migrações, o sujeito. Nesse sentido, quando perguntado de porque seu desejo de ir para Espera Feliz, Sr. Raimundo diz:

(...) caçar dinheiro! Achei o lugar bonito. Ipanema não estava tendo lavoura mais. *Lá quem tinha lavoura era só os donos*. Só tinha arroz. Aí queria sair do barro.

A expressão *sair do barro* se refere a um modo de plantar arroz em que se utilizam dos brejos para realização dos plantios, mas traz consigo – e mais claro no elaborar dos

discursos e expressões acionadas durante – a ideia de “angústia” a que está submetido naquela forma de trabalho. Sair do barro é também um desafio financeiro, ou da própria condição de trabalho a qual não alimenta nenhum, ou quase, desejo de seguir realizando.

3.3. *Mas que lugar bonito!*

Mas há também uma noção de beleza envolvida na narrativa. E mesmo moradores de Espera Feliz que puderam conhecer a região de origem dessa migração – em função dos laços de amizade que se constituíram – se referem a “Ipanema” como sendo um lugar “feio”. Algo muito relacionado às formas de cultivo, aspecto da vegetação e coisas do tipo, como aparece na fala de D. Lourdes, por exemplo:

Daí um ano nós tivemos a Cristiane, lá no Zé Miranda, e aí damos ela pro papai e a mamãe batizar. Aí o Papai veio batizar ela. E no batizado, a lavoura estava bonita, no quintal tinha arroz, batatinha e o papai falou: – Ah! Compadre Raimundo, mas que lugar bonito! Lá pros lados de Santa Maria a gente só vê pasto, e por aqui só lavoura. Será que eu arrumo um lugar pra mim aqui? – E o papai tinha vindo aqui uma vez só. Tinha vindo ver se nós varamos vivo aqui, porque o caminhão veio muito cheio. Mas aí foi embora. E aí o papai nem levou a mamãe de volta. Deixou a mamãe aqui em casa e foi buscar os trem. Eu a mamãe ficamos arrumando a casa.

Com um mesmo sentido, em uma conversa de beira de um campo de futebol, na comunidade do Paraíso, um interlocutor, nascido e criado ali, como dizem, falando sobre a migração aqui analisada narra que uma família, certa vez, veio de Ipanema e se dirigiu a uma comunidade chamada Forquilha do Rio – limite entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo –, bem na entrada do Parque Nacional do Caparaó, localizada a tão somente 8 km de onde estávamos, e então ele me diz: “eles foram para *lá*. Aí eu pensei, de onde eles vieram devia ser *feio demais*”. O *lá*, apontado pelo homem que me comentava sobre o local ao qual se destinou a tal família vinda da região de Ipanema, acionava um distanciamento que em verdade se referia mais à condição de transformação da paisagem do que de acesso por estradas.

A partir de narrativas como essas, e de outras com mesmo tom comparativo entre feio e bonito, há uma construção do conceito de belo elaborada a partir da noção de “desenvolvimento”, “atrasado”, ou mesmo, “moderno”, que é construído com relação ao meio rural, muito a partir das transformações da paisagem pelo ser humano, mas também

se articula com a construção da ideia de isolamento, fruto de uma *dualidade* em que se encontra o Brasil com o processo de modernização e industrialização, bem como a mecanização e incremento de políticas de desenvolvimento da agricultura que privilegiaram certas localidades, ao passo que outras foram se tornando zonas marginalizadas, atrasadas, por assim dizer.

A proposta de transformação do rural através da revolução verde, trouxe consigo uma mudança abrupta na concepção das paisagens e do modo de cultivo. Um plantio organizado, *limpo*, numa paisagem em que os olhos alcançam ver toda a modificação humana passa a ocupar uma posição no lugar de belo. E num plantio como o de café em Espera Feliz, passa a residir tais concepções. Inclusive a própria lógica do campesinato de cultivar “tudo junto”, como eles mesmo dizem, passa a compor uma concepção de *sujo*, de *largado*. Nesse contexto, expressões como largado, sujo, abandonado são concepções que vão sendo taxadas aos modelos de cultivos integrados, onde se tem uma diversidade muito grande em um mesmo espaço, a partir da proposta do monocultivo, que rompe inclusive com a própria lógica de relação com a natureza encarada pelo modo de vida campesino²⁶.

3.4. Sair do barro, viver da terra

Nos municípios de Ipanema e Pocrane, trabalhavam plantando a roça branca, como sublinhado por muitas das famílias entrevistadas, em sistema de parceria estipulada em meação ou terço. Plantavam em terras dos outros – como seguiram em Espera Feliz. Trabalhavam ainda a criação animal, como porco e aves que lhes garantiam autonomia do mercado com relação a certos produtos. Tinham em casa a carne, a gordura, feijão, milho, o arroz, a rapadura, etc. A partir do momento em que cai a produção ou são impedidos de plantar pelo dono da terra de lavoura de café, ou mesmo de criar seus “bichos”, já não tinham onde tirar seu sustento a não ser da produção que lhes oferecia o café.

Em uma das famílias com as quais conversamos, e como aparece no *Novo Tom pra garota de Ipanema*, texto do poeta-agricultor Amauri Adolfo, expondo suas trajetórias evidenciam o caráter de dominação, fazendo uso de uma expressão trabalhada por Bourdieu em *Razão Prática* (2011), presente nas relações da parceria no campo que impedem a produção de gêneros de diversificação da produção, e que garante o sustento da

²⁶ A isso, respostas como a proposta pelas ideias presentes na agroecologia trata de ressignificar a partir das concepções que se eram trabalhadas antes, a partir da sua relação de negação com o modelo hegemônico, emergido a partir dos movimentos chamados de agriculturas alternativas (ver Caporal, 2009).

família, em função de um ideal de quem possui a terra, mas vive do trabalho de quem a cultiva e que por vezes submergem o empregado a uma profunda dependência do mercado. Entretanto, uma relação com o mercado não no sentido de “negócio” colocado por García Jr (1990), constituindo estratégias, saídas à manutenção da agricultura como, por exemplo, vendendo seus produtos e repondo gastos com determinada atividade agrícola. Mas uma dependência onde agora necessitam comprar produtos básicos, como o próprio milho, mas que têm uma importância fundamental na vida dessas famílias, uma vez que com o milho nos apresentam uma multiplicidade de possibilidades alimentícias que vai desde um fubá para um angu a um ovo de galinha produzido ali.

Dona Maria do Seu Zé João, uma ipanemense em Espera Feliz, mas nascida e criada, como ela diz, em Santa Maria de Pocrane, retrata a situação de sua família. Fala da “fatura” que tinham:

A gente plantava roça branca. Milho, feijão, arroz, essas coisas assim. Ai com o milho a gente criava porco, galinha e fazia um fubá pra comer um angu. Só comprava mesmo um sal, trigo, macarrão. Nós viemos trazendo muita coisa de lá (...) nós trouxemos arroz, nós trouxemos feijão, rapadura (...).

Em seu relato, expressa uma situação em que a família não se encontrava em situação de miséria. Mas no discurso aparece a relação do dinheiro como sendo o fator de pobreza, quando inclusive sua filha intervém dizendo: “a gente era *pobrinho*, e aqui o café deu uma condição de vida melhor”.

Outro fator que transparece nas entrevistas em muitas falas é o movimento cidade-campo. Em tentativas de vida na cidade, acabam fincando sua raiz no campo, onde encontra seu projeto de vida. Ao voltar na concepção que encontramos em Alfred Schutz (1979) em a vida é um “reino de significado”, em que ao perguntar a um desses migrantes se alimentava a vontade *partir* rumo a cidade, a resposta que escuto imediatamente é “só se tiver um lugar pra eu plantar”, ou a trajetória dos que foram do campo a cidade para retornarem ao campo, apontam para esse significado no trabalho com a agricultura, sobre a capacidade de fixação no rural e em relação com a construção de uma concepção de desenvolvimento alternativa.

O envolvimento com o meio rural e os projetos de vidas a partir da perspectiva de desenvolvimento relacionado à agricultura é algo que nos chama a atenção nesse processo. Como apresentado sobre o desejo que começa a figurar a partir das aquisições dos

migrantes que forma primeiro, o sonho da casa, de um *pedaço* de terra torna-se a possibilidade de continuar na terra, na agricultura. O modo de vida campesino, de policultivo, passa a ser o projeto. O trabalhar na *colocação* conseguida era o meio para conseguir este sonho. Nesse sentido Espera Feliz se constitui como um ambiente propício para uma análise desde essa perspectiva. Entre as famílias que passaram por esse movimento migratório, muitas aparecem em um envolvimento junto ao Sindicato dos Trabalhadores e das Trabalhadoras da Agricultura Familiar (SINTRAF) do município de Espera Feliz.

Quanto ao histórico de constituição do SINTRAF, Silva (2010) aponta para dois contextos distintos.

O primeiro contexto, iniciado em 1986, com a fundação do STR, refere-se à resposta à exploração, ou seja, o surgimento do sindicato como forma de conter a exploração dos patrões frente aos boias frias e de resguardar, a estes, os direitos trabalhistas²⁷. O segundo diz respeito à inserção da agricultura familiar nas ações do sindicato, provocando mudanças na sua atuação, e o surgimento de outras organizações em um contexto de políticas públicas com agenda específica, relacionado a questões de organização econômica na agricultura familiar. Seu início é datado a partir da metade da década de 1990, mesmo período em que a agricultura familiar emerge enquanto agenda de políticas públicas. (p. 39)

Com relação ao segundo contexto, o hoje SINTRAF se torna uma referência no acesso a políticas públicas como o Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF), uma política coordenada pela Secretaria de reordenamento Agrário do Ministério do Desenvolvimento Agrário em parceria com os governos estaduais, movimento sindical rural e outros parceiros, que tem por finalidade possibilitar a trabalhadoras/es rurais sem terra ou com pouca terra, comprar e estruturar um imóvel rural por meio de financiamento. Além da terra, o programa possibilita a construção das instalações básicas para a casa (luz, água e esgoto) e investimentos produtivos, como a preparação do solo, compra de implementos, acompanhamento técnico e o que mais for necessário para que o agricultor possa se desenvolver de forma independente e autônoma²⁸.

²⁷ Sobre esse tipo de exploração, “em pesquisa sobre as relações de trabalho na cafeicultura no Sul de Minas, Pereira (2011, p.5) constatou inclusive, em conversas com cafeicultores a preferência destes pelos trabalhadores sazonais vindos de outros estados e regiões, justificada “pela maior resistência física e submissão às condições impostas, geralmente são menos politizados e, portanto, menos ameaçadores do ponto de vista reivindicativo de direitos”. Isso se explica pelo fato de que possuem uma organização sindical débil, seu poder de barganha é reduzido, sendo facilmente superexplorados no trabalho nas regiões produtoras de café (COALIZÃO DO CAFÉ et al., 2004)”. Cf. Vale, Calderaro e Fagundes, 2014, p. 10.

²⁸ Informação retirada do site da Caixa Econômica Federal.

Por meio desse programa, e das ações do SINTRAF, nessa organização por um desenvolvimento alternativo no meio rural, algumas famílias tiveram acesso à compra do seu *pedacinho* de terra, um sonho desde a ida de Ipanema/Pocrane para Espera Feliz, e a outras políticas públicas, como evidenciado no texto de Amauri. Em um trecho ele nos relata o fato de estarem mudando para a primeira casa nova que a família conseguiu nos tantos anos de casados, uma conquista junto ao programa Minha Casa Minha Vida, e o fato de um dos filhos atuar como diretor de uma cooperativa de crédito solidário, e ainda contar com a entrega de seus produtos na Cooperativa de Produção da Agricultura Familiar de Espera Feliz (COOFELIZ) através das políticas nacionais de compras de produtos da agricultura familiar²⁹.

Durante a narrativa, Amauri nos leva a compartilhar da vida da família, os problemas, os sonhos e também as transformações a partir da migração para Espera Feliz. Uma das transformações, se refere à prática do, já mencionado, policultivo típico do campesinato e que compõe o reino de significado dessas famílias, como relatado por Amauri:

“Espalhado por todo canto a diversidade: banana, inhame, feijão, milho, frutas, taioba, couve, cebola... Ali naquele sítio podemos colher nos olhos azuis daquela então garota de Ipanema toda alegria de nos receber em seu sítio ‘agroecológico’, longe dos venenos, onde seus filhos moram ao lado” (Amauri Adolfo, n.p).

Entre muitos dos casos de que tivemos conhecimento, ao chegar a Espera Feliz, não podiam plantar outras espécies entre o cafezal. Entretanto, nos discursos, o café lhes permitiria uma renda “monetária” suficiente. Se inseriam no mercado como consumidores. Permitia-lhes poder de compra. Um tipo de *consumidor de subsistências*. E quando era um patrão que possibilitava o cultivo de outros gêneros em meio à plantação de café, conseguiam estabelecer-se com certa independência do mercado.

Dessa forma, como apontado por Silva e Menezes, numa reflexão a partir das análises de Klaas Woortmann (1990) no artigo *Migração, família e campesinato*, a “migração de camponeses não é apenas consequência da inviabilidade de suas condições de existência, mas é parte integrante de suas próprias práticas de reprodução. Migrar, de fato, pode ser condição para a permanência camponesa” (2006, p. 5).

²⁹ O trabalho de Silva (2010) trata sobre a constituição dessas cooperativas no município, bem como do acesso às políticas públicas a partir da organização dessas entidades.

A MODO DE CONCLUSÃO

Em uma breve retomada do percurso que delineamos até aqui, de entrada procuramos trazer um pouco de uma abordagem metodológica desde uma adentrada às memórias desses/as migrantes, em um exercício etnográfico de um processo do qual também tomo parte, por minha história como sujeito dessa migração. Um exercício que também nos permite um olhar sobre o fazer etnográfico em contextos familiares [e de pertencimento] em que, ainda que sempre conseguimos alguma tradução, nos revela que há também certas quotas de intradutibilidade, mesmo quando se é “de dentro”.

No segundo capítulo desse trabalho, as dinâmicas locais também trazem também as “globalidades”, como nos apresenta a partir da crise no mercado mundial do café, e que acaba por nos elucidar movimentos locais, como a migração aqui tratada, obviamente mais em um sentido puramente de percepção deste autor, e não necessariamente colocando aqui como uma relação estreitamente causal. Do mesmo modo, as políticas públicas, desde as de avanço sobre os territórios, como as que permite certas recuperações nos mesmos possuem papel relevante no dinamismo dos municípios aqui apresentados. Algo que também se apresenta a partir de algumas falas acionadas no decorrer do capítulo sobre as migrações.

A entrada às memórias e dinâmicas das migrações no terceiro capítulo, nos permitiu uma compreensão desse movimento e das redes que vai se configurando nas relações que se estabelecem. Além disso, essa parte do trabalho nos faz sensível à entrada às memórias e como são acionadas por cada migrante. Um encontro com memórias partilhadas, mas que ao mesmo tempo são ressignificadas ao longo do tempo. Assim, a narrativa do presente é diferente da do passado, em um movimento que se apresenta próprio das narrativas memoriais.

Após este trajeto, a modo de conclusão, trazemos a seguir algumas outras percepções que emergem a partir dos questionamentos e propósito de análise pelos quais nos guiamos no desenvolvimento deste estudo. Em uma primeira ordem, o que nos salta é que quando tratamos de estudos sobre as saídas do meio rural nessa busca por melhores condições de vida, há uma banalização do êxodo rural.

As dificuldades alicerçadas, na maioria das vezes, pelas difíceis relações de trabalho no campo, ou mesmo a dificuldade de acesso a certas realizações ou condições de vida, materiais e não materiais, como o acesso à terra, ou ao lazer propriamente e o direito a educação, traz consigo uma ideia de que todos alimentam ao fim uma aspiração por sair

da “roça” numa marcha rumo a cidade. Uma avaliação feita inclusive pelos mais velho quando falam das juventudes e seus destinos, mas que, entretanto, não se referem a tal fato como sendo a escolha dessas juventudes, mas um destino imposto por condições que alimenta um estrutura que permite a elaboração, e não sem fundamento, de frases ditas por agricultoras/es em que encontramos uma desvalorização ou invisibilidade do campo, como “quem trabalha na roça não tem valor”, entre outras que nos remete a um padrão de desenvolvimento rural que em verdade tende a privilegiar certos setores do campo, como o agronegócio.

Por sua vez, as concepções de desenvolvimento presentes em muitas falas trazem consigo essa entrada das relações capitalista na agricultura. A relação mercantil que se impõe sobre as relações do campesinato, trazendo ao mesmo tempo o ideal do poder de aquisição, muitas vezes vinculado a de modernidade, que nos revela um modelo mercadológico imposto por um padrão de desenvolvimento que ganha força a partir da revolução verde. Modificam-se as relações da agricultura camponesa pela contradição inerente a expansão da agricultura industrial capitalista, ao passo que se modificam também as formas de trabalho e de relação com a natureza. Inclusive as concepções de desenvolvimento a partir do conceito de belo que se fundamenta nas transformações da paisagem pelo ser humano, principalmente na lógica da monocultura, e na ideia construída de isolamento quando da proximidade com sistemas mais integral de cultivo, ou com a própria natureza, traz os tons dessa mudança abrupta a partir das propostas de mecanização da agricultura.

Ao mesmo tempo, há certos aspectos dos números encontrados durante a pesquisa que a efeito não conseguimos aqui dar conta, mas que também nos pode levar a alguns questionamentos sobre as transformações no rural e as dinâmicas populacionais no período dos anos 1990, ao olharmos para o município de Espera Feliz. Quando seguindo à tendência nacional [e fortemente marcada nas regiões aqui abordadas] de perda de população do rural para o urbano, na entrada à década de 1980 até o ano de 1991, o município esperafelicense sofre uma reversão desse quadro com uma pequena recuperação de sua porcentagem de população rural. Período onde também se concentra boa parte das migrações nas narrativas analisadas. Já à entrada aos anos 1990, analisada por muitos autores como sendo um marco também para as políticas direcionadas ao rural desde uma abordagem já tratando mais da temática da agricultura familiar, é justamente onde o município volta a perder sua população rural.

Por sua vez, as entrevistas, nesse exercício de entrada mais aprofundada às memórias, nos permitiram um entendimento ampliado da rede que se constitui nesse processo migratório e ao mesmo tempo uma compreensão dos projetos de vida dos atores envolvidos. O fato de iniciarem um fluxo do rural ao rural, em um período em que as ideias do desenvolvimentismo levavam à uma lógica em que as cidades operavam como centros de atração, como a própria cidade Ipatinga e seu parque industrial próximo à região de onde partiram essas famílias, nos traz fatores que pesam nas decisões entre o “partir e ficar”.

Assim, quando adentramos no caminho por outras determinações, para além da econômica, que trazem um aporte às projeções que definem os projetos de vida das/os agricultoras/es ou a própria decisão de migrar ou não migrar, identificamos uma rede de parentescos sobre a qual se edificam os fluxos migratórios analisados. E em um mesmo sentido, esse projeto de vida que essas memórias trazem da formação no meio rural e o desejo de viver da prática da agricultura era reafirmado em muitas falas, saltando à luz das análises como componente desses fatores que ganham peso nas tomadas de decisões. Como por exemplo, quando perguntamos a um dos migrantes sobre as possibilidades de viver na cidade e ele nos responde que, só o faria se tiver um pedacinho de terra para plantar. Contudo, como em um novo tom para a garota de Ipanema, é preciso que se obtenha as condições para uma autonomia a partir do acesso à terra, de políticas públicas que garantam as condições no campo para a agricultura familiar. De visibilidade e valorização do meio rural e seus atores sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, Ana M.; CAVIERES Héctor. El Castillo: territorio, sociedad y subjetividades de la espera. **EURE** (Santiago) vol. 42 n°. 125 Santiago, jan. 2016.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de M. (coord.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**: trad. José Fonseca. Porto Alegre: Artmed. 2009.

ARAÚJO, Ricardo T. de. **O Movimento da Boa Nova**. Belo Horizonte. Editora. O Lutador, 1999, cap. 3.

BAENINGER, Rosana. “Migrações internas no Brasil no século 21: entre o local e o global” Trabalho apresentado no XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, **ABEP**, SP - Brasil, de 19 a 23 de novembro de 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**. Campinas – SP. Editora Papiрус, 11ª edição, 2011.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva.

BOSI, Ecléa. **Memórias e Sociedade**: Lembranças de Velhos. São Paulo Companhia das Letras, 2004.

BRITO, Giliarde S.; RIBEIRO, Aureo E. M. Migrações rurais e fluxos de conhecimento agroecológico: o caso de Montes Claros MG. **Qualit@s Revista Eletrônica**, Vol.9, No. 2, 2010, pp. 5-14.

CAMPOS, Ana P. T. Conquista de terras em conjunto: redes sociais e confiança – A experiência dos agricultores familiares de Araponga – MG. **Dissertação** (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Viçosa, março de 2006.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J.A. Desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. **Agroecologia e desenvolvimento sustentável**, v.1, n.1, jan/mar 2009, p. 16-17[AD]

CARNEIRO, Patrício A. S. Conquista e povoamento de uma fronteira: a formação regional da Zona da Mata no leste da Capitania de Minas Gerais (1694-1835). **Dissertação de Mestrado**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

CARVALHO, André S.; MATOS, Ralfo. O ciclo madeireiro e a devastação da Mata Atlântica da Bacia do Rio Doce na primeira metade do século XX. In: Vale do Rio Doce: formação geo-histórica e questões atuais, Belo Horizonte: **Geografias – Artigos Científicos**, Edição Especial, 2015, pp. 175-201.

COMERFORD, John. C. **Como uma Família**: Sociabilidade, Territórios de parentesco e sindicalismo rural. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2003.

CANDAU, Jöel **Antropología de la Memoria**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2006.

- COELHO, André L. N. Bacia hidrográfica do Rio Doce (mg/es): uma análise socioambiental integrada. **GEOGRAFARES**, nº 7, 2009, pp. 131-145.
- DURHAM, E. R. **A caminho da cidade**. São Paulo, Editora Ática. 1973.
- FEATHERSTONE, Mike. A globalização da complexidade: Pós-modernismo e cultura do consumo. Caxambu: **ANPOCS**, 19º Encontro, 1995.
- FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Capítulos 30 e 31.
- GARCIA JUNIOR, A. R. **O Sul: caminho do roçado**. Estratégias de reprodução camponesa e transformação social. Brasília. Editora Marco Zero e Universidade Federal de Brasília, 1990.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **Interpretação das culturas**. Editora LTC, Rio de Janeiro, 1989.
- GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991, pp. 121-125.
- GIMÉNEZ MONTIEL, Gilberto. **La teoría y el análisis de la cultura: problemas teóricos y metodológicos**. México: CONACULTA e Instituto Coahuilense de Cultura, Colección Interacciones, 2008.
- GONÇALVES, Alfredo J. Migrações Internas: evoluções e desafios. **Estud. av.**, vol.15, no.43, Dez 2001, p.173-184.
- GOVEA RODRÍGUEZ, Violeta et al. “Etnografía: una mirada desde el corpus teórico de la investigación cualitativa”, **Omnia**, Universidad del Zulia, Año 17, No., 2(mayo-agosto, 2011, pp. 26-39.
- GUBER, Rosana. **La etnografía, método, campo y reflexividad**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2001.
- GUERRERO ARIAS, Patricio. “¿Qué implica hacer etnografía?”, en: **Guía etnográfica**. Sistematización de datos sobre la diversidad y la diferencia de las culturas, Quito, Escuela de Antropología Aplicada Ediciones Abya-Yala, 2002, pp. 7-21.
- HAESBAERT, Rogério. A noção de rede regional: reflexões a partir da migração “gaúcha” no Brasil. **Revista Território**, ano III, nº 4, jan./jun. 1998, pp. 55-71.
- _____. **O Mito da Desterritorialização: do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. [Conselho Nacional de Geografia e Conselho Nacional de Estatística]. Rio de Janeiro: IBGE, 1957-64.
- _____. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

Johann Moritz Rugendas. In: Britannica Escola Online. **Enciclopédia Escolar Britannica**, 2016. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/483531/Johann-Moritz-Rugendas>>.

KNORR CETINA, Karin. **La fabricación del conocimiento**: Un ensayo sobre el carácter constructivista y contextual de la ciencia. 1 ed. – Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2005.

KHOURI, Dolly; BUENO, M. S. Redes de acolhimento para a imigração libanesa em São Paulo. In: **XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Caxambu, 2008. v. 16.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Natureza e Cultura. **Revista Antropos** – Volume 3, Ano 2, dezembro de 2009, ISSN 1982-1050, pp. 17-26.

LISBOA, Severina S. Da Migração à Não-Migração: o exemplo de pequenas cidades na Zona da Mata mineira. **Dissertação** (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

MACHADO, Heleny de O. P. **No tempo dos coronéis**: a genealogia das famílias Correia de Faria, Candido de Oliveira e Penna. Brasília, Nossa Gráfica e Editora LTDA, 2011.

MAGALHÃES, João C. Emancipação político-administrativa de municípios no Brasil. In: CARVALHO, Alexandre Xavier Ywata. (org.). **Dinâmica dos municípios**. Brasília: Ipea, 2007.

MARTINS, José de S. **O cativoiro da terra**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

MATOS, Ralfo. A contribuição dos imigrantes em áreas de desconcentração demográfica do Brasil contemporâneo. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Campinas, v.19, n.1, jan./jun., 2002, p. 49-74.

_____. (Org.) **Espacialidades em Rede**: população, urbanização e migração no Brasil contemporâneo. Belo Horizonte: Editora Com Arte, 2005.

MASSEY, Douglas. “Economic development and international migration in comparative perspective”. **Population and Development Review**, 14, 1988, 383-413.

MONTEIRO, Marko S. A. Reconsiderando a etnografia da ciência e da tecnologia tecnociência na prática. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 27, nº 79, junho/2012, pp. 139 – 151.

MORA NAWRATH, Héctor I. El método etnográfico: origen y fundamentos de una aproximación multitécnica, en: Forum: **Qualitative Social Research Sozialforschung**, Volumen 11, No. 2, Art. 10, Mayo 2010, pp. 1-31.

NAVARRO, Zander. Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro. **Estud. av.**, vol.15, no.43, Dez. 2001, p.83-100

NAVES, Flávia & ROMANO, Jorge. “Significados de luta: um olhar sobre a “conquista de terras” na zona da mata de minas gerais”. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 13, n. 1, 2011, p. 11-21.

NORA, Pierre. **Entre memórias e histórias**: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury, São Pulo: PUC, 1993.

POBLETE, Sergio. La Descripción Etnográfica. **Cinta de Moebio**, núm. 6, Universidad de Chile, Chile, 1999.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

RUGENDAS, João M. **Viagens pitorescas através do Brasil**. São Paulo: Ed. USP Itatiaia, 1979.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências”. In: _____ (org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 777-821.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. Reimpressão, São Paulo: Editora da USP, 2012.

SANTOS, Regina Beca. **Migração no Brasil**. São Paulo, Editora Scipione, 1997.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**: trad. Cristina Murachco. São Paulo: ed. USP, 1998.

SILVA, Marcio G. Políticas públicas de desenvolvimento rural e organizações de agricultura familiar no município de Espera Feliz-MG. **Dissertação** (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Viçosa, 2010.

_____. Trabalho, Agricultura Camponesa e Produção do Conhecimento Agroecológico. Viçosa, 2017. **Inédito**.

SILVA, Maria A. M. **Errantes do fim do século**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

_____. Reestruturação produtiva e os impactos sobre os migrantes, In: ¿Una nueva ruralidad en América Latina? **CLACSO**, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, 2001.

SILVA, Maria A. M. e MELO, Beatriz M. Partir e ficar. Dois mundos unidos pelas trajetórias de migrantes. **Rev. Inter. Mob. Hum.**, Brasília, Ano XVII, Nº 33, jul./dez. 2009, p. 129-151.

SILVA, Maria A. M. e MENEZES, Maria A. migrações rurais no Brasil: velha e novas questões. Brasília: **NEAD**, 2006. Disponível em: www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1416/migrações_rurais_no_brasil_velhas_e_novas_questões.pdf

SILVA, Virgínia F. Migração e redes sociais: trajetórias, pertencimentos e relações sociais de migrantes no interior de São Paulo. **Tese de doutorado**, Faculdade de Sociologia e Antropologia. Rio de Janeiro, Brasil, 2006.

SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: **Economia política da urbanização**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1976.

SOUZA, L. M. e. O Novo Mundo entre Deus e o diabo. In: _____. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

STRATHERN, Marilyn. **Fora de contexto**: as ficções persuasivas da antropologia. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

STRAUCH, N. **A Bacia do Rio Doce**. Rio de Janeiro: IBGE, 1955.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 20, n. 1, junho de 2008, pp. 199-218.

VALE, Ana L. F. et. al. Século XX: 70 anos de migração interna no Brasil. **Revista Texto e Debates**, v. 01, n 07, 2004.

VALE, Ana R.; CALDERARO Alexandre P.; FAGUNDES Francielly N. A cafeicultura em Minas Gerais: estudo comparativo entre as regiões Rodrigo Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba e Sul/Sudoeste. **Campo-Território: revista de geografia agrária**. Edição especial do XXI ENGA, jun., 2014, p. 1-23.

VELASCO, Honorio; DÍAZ DE RADA, Ángel. “El trabajo de campo”, en: **La lógica de la investigación etnográfica**. Un modelo de trabajo para etnógrafos de la escuela. Madrid: Ed. Trotta, 1997, pp. 1-14.

VILELA, P. S.; RUFINO, J. L. S. (Org.) **Caracterização da cafeicultura de montanha de Minas Gerais**. Belo Horizonte: INAES, 2010. Disponível em: <http://www.inaes.org.br/pu>

WAGNER, Roy. **A Invenção da Cultura**, São Paulo: Cosac & Naify, 2010, pp. 27-72.

WANDERLEY, Maria de Nazareth B. Olhares sobre o rural brasileiro. In: _____. **O mundo rural como espaço de vida**: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Rio Grande do Sul: Ed. UFRGS, 2009.

WOORTMANN, E. & WOORTMANN, K. **O trabalho da terra**: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Editora da UNB, 1997.

WOORTMANN, Klas. Migração, família e campesinato. **Revista Brasileira de Estudos de População**, jan./jun., 1990, pp. 35-53.

ZENHA, Celeste. O Brasil de Rugendas nas edições populares ilustradas. **Topoi**, Rio de Janeiro, dezembro 2002, pp. 134-160.

ANEXOS

UM NOVO TOM PRA GAROTA DE IPANEMA.

Amauri Adolfo

“Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça”, assim diz a canção de Tom descrevendo de forma poética a Garota de Ipanema caminhando sobre a calçada com seus desenhos conhecidos internacionalmente. Mas aqui o Tom é outro. Falo de uma garota que caminha de pés descalço sobre o solo quente do verão de Ipanema, lugar onde cresceu sem nunca ouvir o *chuí chuí* das ondas do mar, a não ser nas traquinagens de menina ao pegar uma casca de caramujo colocando-a contra o ouvido sentindo assim o marulhar das ondas, coisas e sabedoria de um povo simples.

Um belo dia, caminhando pelas terras de Ipanema, município localizado no leste de Minas Gerais, uma luz re... Luzia nos olhos cálidos do jovem João, moço de pouca prosa, mas um exímio observador. E de fato a beleza da menina-moça não passou despercebida frente a teu olhar, não demorou muito os dois estavam casados morando em uma casa simples, como tantas da região, onde junto com a família crescia a plantação de arroz no tabuleiro, que com certeza não é plantado em um tabuleiro de assar broa, mas sim o arroz do brejo onde se nivela as águas desenhando formas de tabuleiros. Ali plantavam milho, feijão e tantas coisinhas miúdas, a tradicional “roça branca”. Tempos difíceis, relata Dona Luzia e seu João. Seu João afirma não gosta muito de mudanças, “ficar perambulando pra lá, e pra cá pelas terras dos outros”, mas certa vez Dona Luzia bateu o pé e tiveram que mudar por conta das dificuldades que passavam pela péssima qualidade da água que servia sua família, e desta forma partiram para outro canto onde tinha uma boa água, pois afinal ela é fonte de vida.

João e Luzia tiveram seis filhos, um dia triste em suas histórias foi quando seu pequenino Hélio, irmão gêmeo de Eliane, ficou adoentado e seus pais tiveram que colocar o moleque nas costas e andar léguas e léguas em busca de socorro. Naquela época não tinha “condução” para leva-los e medico era para poucos, o fato é que chegando ao atendimento médico o menino já estava bom, sorrindo, brincando. Foi quando atenderam e aplicaram uma injeção. Os olhos de seu João transbordam na dor da narrativa. Foi assim coisa de poucos segundos, eu vi meu menino se contorcer em meus braços, pois foi aqui mesmo nestes braços cansados, que a terra há de comer, que meu menino morreu. Com apenas quatro aninhos de vida ele se foi por conta de um erro, realmente um dos tantos erros que não tem corretivo que de jeito, não há tecla delete que apague essa dor da alma. A voz de seu João sofreu um embargo, e não foi um embargo judicial, ao olhar ao redor os olhos dos presentes se encontravam marejados em uma mistura de dor e indignação.

O tempo passou os outros filhos cresceram um tanto, até que um dia apareceu um parente falando sobre umas terras distantes lá pras bandas do Paraíso, numa tal Espera Feliz – “não sei se por conta do nome, imaginem um Paraíso em Espera Feliz, os meninos ficaram doidos pra mudar pra este lugar”. Um belo dia seu Tio arranhou uma “colocação” para eles no tal paraíso, seu João e Dona Luzia nem se deram ao trabalho de conhecer o lugar, também convenhamos quem não sonha com um lugarzinho no paraíso. Um dos filhos conta que eles estavam capinando uma palhada e alguém gritou: *vocês vão mudar pro paraíso!* Eles jogaram os “cacumbus” e partiram correndo sem ao menos olhar para trás. Partiram rumo ao desconhecido.

Vieram de mudança, no caminhão suas poucas coisas, e uma bagagem repleta de esperança. Assim moraram vinte e um anos nas terras dos outros, melhoraram sim as condições financeiras. Dona Luzia agora podia tomar café todos os dias, como sonhava nas terras de Ipanema onde não produzia café. Mas ainda eram obrigados por alguém e não tinham liberdade para colocar em prática o que seus corações sonhavam. Eram pressionados a usarem veneno, e resistiam graças à consciência ambiental que tinham na formação junto ao Sindicato dos Trabalhadores.

Ao iniciar esta narrativa mencionei uma clássica canção da bossa nova, e agora me lembro de uma canção que diz “estou a dois passos do paraíso”, realmente vieram para a comunidade de Fátima que fica a dois passos do paraíso, mas “O Paraíso” veio mesmo depois. Neste momento Ledir, um dos filhos, toma a palavra – é assim quando a palavra não nos é dada, a gente toma. Ledir começa contando de uma humilhação tão grande que recebeu de um fazendeiro e aquilo doeu tão forte em sua alma que ao narrar lágrimas abundantes jorram de seus tristes olhos, a lágrima vertida parece convidar outras lágrimas solidárias a entoar teu lamento de dor, e nos coloca a perguntar: pra que tanto desmando? Tem horas que a “fala” dá lugar a “cala”, e vozes sussurrantes ecoam do inconsciente coletivo, ele pede desculpa a todos e lágrimas continuam a rolar. Numa cena comovente seu pequenino filho de uns quatro anos, sentado em seu colo enxugasse as lágrimas, sem entender muito o que está acontecendo, ou entendendo tudo, e no seu lindo gesto de ceder suas mãozinhas como lenço, a colher as lágrimas do pai, pudessem dizer naquele silêncio infindo: chore meu pai! Chore que graças as suas lágrimas que molham minhas mãos, estas minhas mãozinhas nunca precisarão ser exploradas por patrão algum, graças a você, meus tios e avós poderei construir uma nova história em cima do nosso pedaço de chão. Dava até para sentir naquela cena presente a presença dos “ausentes”.

Neste momento estamos aqui mais de umas quarenta pessoas no terreiro do sítio de seu João e Dona Luzia, sentados a sombra do cafezal como um dia ela sonhou. Em seu colo sua neta Camila filha de Eliane, a Irma gêmea de Helio, que para trazer sua filha ao mundo partiu ao encontro de seu irmão ao lado de nosso senhor.

Espalhado por todo canto a diversidade: banana, inhame, feijão, milho, frutas, taioba, couve, cebola... Ali naquele sítio podemos colher nos olhos azuis daquela então garota de Ipanema toda alegria de nos receber em seu sítio agroecológico, longe dos venenos, onde seus filhos moram ao lado. Amanhã vinte de outubro vão mudar para sua primeira casa nova nestes tantos anos de casados, uma conquista junto ao programa minha casa minha vida. Seu filho é diretor da Cooperativa de crédito Cresol, entregam seus produtos na Coofeliz, no projeto Conab e PNAE, alegrias e conquistas merecidas para uma família tão especial.

Uma casa nova, um sítio perfumado pelos aromas da agroecologia, uma história que encanta, sementes plantadas e regadas com lágrimas e sorrisos, onde podemos colher os frutos e parafrasear Tom dizendo “olha que coisa mais linda, mais cheia de graça” o sítio da garota de Ipanema, e dizer aqui o Tom é da Agroecologia.